

**CARLOS
WALLENSTEIN**

**obras
completas**

1

poesia

Ed.
**Centenário
1926-2026**



CARLOS WALLENSTEIN
(Ponta Delgada.4.11.1926 - Lisboa.6.11.1990)

Actor de Teatro, Cinema e Televisão.
Encenador de Peças Teatrais e de
Óperas. Intérprete de Teatro
Radiofónico. Director de Companhias.
Responsável pelo Sector de Teatro da
Fundação Calouste Gulbenkian.
Ligado ainda à Música e ao Bailado.
Menos conhecida é a actividade
literária de C. Wallenstein.

A verdade é que toda
a vida escreveu Poesia, Contos e
Crónicas e muitos textos para Teatro
(originais, versões e traduções).
publicou livros, colaborou em jornais e
revistas, figurou em Antologias
Poéticas, mas deixou inédita a maior
parte dos seus escritos

*“ Verifiquei (...) como o seu verbo poético se exprimia, a
um nível de realização formal geralmente brilhante, um
diálogo com o mundo cujas características originais
igualmente e noutro plano, transpareciam na sua vida
quotidiana:
um humor corrosivo e destruidor perante uma sociedade
impossível de levar a sério, traduzido numa linguagem
sacudida e transgressora - e aqui, em ambas as coisas, é
indiscutível a familiaridade com os surrealistas - lado a
lado com uma afectuosíssima, comovida, quase infantil e
não contraditória relação com as pessoas e o mundo.”*

Pedro Tamen

DO AUTOR:

Publicados:

CINCO HISTÓRIAS SEM CLASSIFICAÇÃO ESPECIAL,

ed. Contraponto, 1953, contos

TEORIA DA TRIBUTAÇÃO,

ed. Sociedade de Expansão Cultural, 1966, poesia

A CELESTINA,

ed. Let, 1972, teatro

A MANTILHA DE BEATRIZ,

ed. Prelo / Sociedade Portuguesa de Autores, 1973, teatro

TRÉMULOS PERANTE O SENHOR,

ed. Moraes, 1982, teatro

CORPO CONFLITO,

ed. Moraes, 1983, colec. Círculo de Poesia

O AMOR DAS TRÊS LARANJAS,

ed. Plátano, 1984, teatro

Textos incluídos em:

Doze Jovens Poetas Portugueses Antologia organizada por Alfredo Margarido e Carlos Eurico da Costa, editado no Rio de Janeiro - 1953

Antologia da Poesia Açoriana do séc. XVIII a 1375. Selecção, prefácio e notas de Pedro da Silveira, colecção Vozes do Mundo - Sá da Costa Ed., Lisboa 1977

Antologia Poética dos Açores - II vol. Prefácio, selecção e notas de Ruy Galvão de Carvalho, Colecção Gaivota - Secret. Regional da Educação e Cultura, 1984

Antologia de Contos Portugueses - vol. II. Manuel de Seabra - Felix Cucurull, Alberti Editor - Barcelona, 1959

Antologia de Contos Açorianos. Selecção, prefácio e notas de Pedro da Silveira [projecto nunca publicado, devido ao falecimento do organizador, Pedro da Silveira, em 2003]

Carlos Wallenstein

OBRAS COMPLETAS
1 - POESIA

Organização de
Maria do Bom Sucesso Medeiros Franco

Introdução de
Pedro Tamen

UMAS POUCAS PALAVRAS

São poucas palavras estas, escritas por força do dever que a admiração e a amizade me impõem. Porque o que mais importa num livro de poesia são as palavras da poesia ela mesma, e não as que se lhe justapõem como excrescência, mesmo bem intencionada.

Quando, em 1983, o "Círculo de Poesia" da Moraes publicou Corpo Conflito, de Carlos Wallenstein, já eu não dirigia essa colecção, como o havia feito, a sós ou acompanhado, desde o primeiro dia dela, em 1958. Não quis, assim, dar-me o destino o gosto de me fazer responsável pela publicação num tão prestigioso contexto de um livro que tanto veio a cativar-me.

Antes disso, lera aqui e além algo da poesia de Wallenstein, mas o seu nome estava, para mim, sobretudo ligado ao teatro, ou, melhor, a uma zona literário-teatral confusamente conectada com os meios surrealistas. Sabia, sim, da existência da Teoria da Tributação, mas não creio que tenha lido o livro.

Simplemente, em compensação, dera-me o destino outro gosto: desde fins de 75, a minha vida profissional fizera-me privar diariamente com Carlos Wallenstein, responsável pelo Sector de Teatro do Serviço de Belas-Artes da Fundação Gulbenkian. E aprendera a conhecer e a admirar alguém tão surpreendente na vida como na escrita. Assim, quando mais plenamente descobri o poeta (disso se trata aqui e agora) já eu pudera descobrir o companheiro de trabalho e me ligara de amizade à sua pessoa fascinante.

E foi então que, com os olhos paradoxalmente clarividentes que o afecto proporciona, aprendi a amar a sua poesia nos dois livros dela que publicou (a Teoria da Tributação, que me escapara nove anos antes e o Corpo Conflito, que me surpreenderia oito anos depois).

Verifiquei então, nessas leituras mais atentas, e independentemente do conhecimento que fui tendo de outras coisas que escrevera e publicara, sobretudo de teatro, como no seu verbo poético se exprimia, a um nível de realização formal geralmente brilhante, um diálogo com o mundo cujas características originais igualmente, e noutro plano, transpareciam na sua vida quotidiana: um humor corrosivo e destruidor perante uma sociedade impossível de levar a sério, traduzido numa linguagem sacudida e transgressora - e aqui, em ambas as coisas, é indiscutível a familiaridade com os surrealistas lado a lado com uma afectuosíssima, comovida, quase infantil e não contraditória relação com as pessoas e o mundo (falo como bastasse/a vida e o que dá, diz ele num dos inéditos agora revelados e datado de 1984). A vida que Carlos Wallenstein viveu, dispersa, múltipla, pródiga de talentos generosamente disseminados, terá ocultado a muitos (como a mim mesmo ocultou durante demasiado tempo) a notável qualidade da sua poesia. Por isso, para esses, a publicação deste volume será uma revelação por vezes deslumbrante.

Para os outros, entre os quais me incluo, será um prazer reiterado - e o reconforto que os actos de justiça sempre constituem.

Pedro Tamen
Outubro de 1998

Nabucodonosor, rei da Babilónia, tragou-me, devorou-me, deixou-me como um vaso despejado, engoliu-me como um dragão, encheu o seu ventre de tudo o que eu tinha de mais delicioso e deitou-me fora.

JEREMIAS, LI, 34

TEORIA DA TRIBUTAÇÃO

PRÓLOGO

Nada precede ou segue
a criação voluntária do acontecimento
O sangue propulsa-o a imaginação

(O mal é a cidade e o país, meus amigos!)

Comodamente recostados em sofás
ou sobre ouriços nas mansardas
tomemos o longo cigarro desta incomodidade
que onde houver olhos de poeta aí teremos lume
lume lírico
lirismo dramático conveniente à nossa condição de oci-
dentaís da península
desopilante, um cheirinho a sangue de las tierras de
nuestros camaradas españoles
francesismo
grades de cadeia para creditar a nossa conta corrente com
os possuidores do compromisso

e um chá entre badaladas
para mencionar horrores ideológicos dentro do bolso

Oh! Inefável origem
da inteligência-poética-a-larga-escala!!
Sublimação da inconsequência!!!

Ah este não possuir um avô pirata
um cofre secretamente herdado
espalhar pelas calçadas dobrões de ouro
e deixá-los à lua
denúncia de ter gasto
experiência bebida aos sorvos
excitante alcoolismo de volúpia italiana

e passar indiferente sob as árvores
a caminho da alucinação de cada dia seguinte
e apanhar entre os dedos um real incêndio de todos
os planetas

ARTE POÉTICA

C hamei cruzada à dor que nos desterra
chamei poema à nossa dor transmigrada
chamei sonho à fuga dolorosa

Que palavra ou chave para o horizonte que nos espera?
Que matéria ou ruína sob os nossos pés vazios?

Já sobejamente invocámos todos os papas
fizemos a viagem dos séculos na roda do espaço
e que nos deram mais que fantasmas fugidios?

Onde se esconde o gato harmonioso
que há-de molhar o nosso deserto
e há-de miar nestas paredes sem eco
onde se esconde o gato harmonioso?

Urina de gato será má-criação
pior ainda remediar com ela esta secura
mas não 'havendo outro líquido qualquer
mais vale urina que nenhuma solução

Poetas colegas meus desta cidade
e de largos torrões universais
tiremos o muro da nossa convenção
sejamos sem formulário e sem alarde

e demos aos bois os nomes que eles têm
simples palavras sem boas intenções
livres de não serem carícia aos pêlos das orelhas
nem capciosa expressão do que nos convém

Vida não é poema se não for fatal
portanto alarguemos o vocabulário
musical desarmonia ou sons bem quadrados
seja imaginação perigosa e cabal

O sentimento acerado e egoísta
a óptica primária sem perplexidade
o policiamento do conceptual
o ritmo exterior e formalista

ae outras desgraças tais, como a
conquista e o alastramento com êxito
mundano
de importações sem razão e sem assento
sem passado e sem devir
sem necessidade dos concidadãos
sem rancor de próprio apetecimento

tudo isto coloquemos
bem no centro do nosso tórrido deserto
onde o gato não chegará
nem líquido algum correrá
nem de longe nem de perto

RADIOLOGIA

Ascese

Se me deste um trono de
luz e dois ovos de escuridão
e um ceptro na mão esquerda
e um facho na outra mão

mais duas esferas astrais
e quatro garrafas de noite
cinco panteras verticais
a forca o tronco e o açoite

campo de prata em pudor
estrelas a duas e duas
um estendal chamado amor
cordas foices e gazuas

toma agora em contrapartida
os mitos abjectos reais
que fazem desta monarquia
um lodaçal para os pardais

atira pela borda fora
aqueles que não têm valia
e junta-lhes punhais de outrora
e várias armas de hoje em dia

para que tudo isto rebente
no âmago mais indicado
onde a noite diz que não sente
que a luz do dia vive ao lado

Ao Deus Desconhecido

Alheio à prática laboratorial falo
de ti que és mudo universal

Louco possesso da tua substância
cultiva o nevoeiro da distância
reduz-me a concreto petrificado
verme ignoto deste chão pisado

E vive real Desconhecido
enquanto não fores definido

Notícia, Responso e Apoteose

O sr. Major de Infantaria
morreu às três da madrugada
Tinha dragões de ouro sobre os ombros
e um cinto de seda vermelha

Morreu realmente
Parece impossível ó patriotas
ó vós todos patriotas e não patriotas
que ocupais a zona dentro das fronteiras

1 minuto de silêncio
2 minutos de silêncio
3 minutos de silêncio

32 horas de silêncio
que é quanto vale um futuro herói militar em tempo
de paz

In nomine Patri

um minuto, meus irmãos em Nosso Senhor
um minuto de meditação sobre a irremediável cir
cunstância da morte
meditação católica, meus caríssimos irmãos
que é como quem diz apenas *meditação*
pois toda a meditação não pode deixar de ser católica
se não for católica não é meditação

A alma do sr. Major de Infantaria
há-de juntar-se num dédalo previsto
à alma sobre todas excelente do Presidente da Câmara
Municipal (nunca suficientemente enaltecida)
à alma do sr. Rufino Benemérito
à alma do sr. Itinerário Celeste, Presidente da Junta de
Freguesia (eleito)
e a outras almas igualmente ilustres
representadas em estátua tanto cá como lá

pois esta representação escultural é o segredo vivo da
metempsicose
e a filosofia da estatuária é o acordo
entre o corpo donde vem
e o sítio onde ficará colocado

*

Hoje ou amanhã o deus Desconhecido estacionando ali
o seu carro
perguntará ao Guardador de automóveis
o que fazem as estátuas estacionadas

E o Guardador funcionário semi-policia
l sorrindo perante deus humanamente
responderá por esperteza
que o próprio deus se deve dirigir à esquadrã mais a
propósito

Assim, a desejável morte do sr. Major de Infantaria
(desejável porque elucidativa)
trará incalculáveis benefícios ao mundo requintadíssimo
de teogonia da teo-física da teo-geografia da teo-per-
guntação

donde se conclui que vale a pena modificar o curso dos
acontecimentos heróicos

pois pode acontecer
que um deus lindíssimo em estado de distração resolva
fazer perguntas insolentes
sobre a morte do sr. Major de Infantaria
ou sobre seja o que for
que abala a consciência de quem quer que seja

Janeiras de Todo o Ano

Laudatório

Vivam as glórias presentes
e as vergonhas passadas
e as vitórias ausentes
em terras condenadas

Viva a soberana autoridade
que tudo previu e tudo orientou
e que chamou verdade
àquilo que inventou

Vivam aqueles que desceram
com as suas botas lá da parvónia
e rapidamente venceram
os mafarricos da babilónia

Viva o arraial da fé
na única rua das nossas aldeias
Viva o fulano que se portou como quem é
e por fidelidade cortou as veias

Viva a mãe parida
das aflições da raça
e viva a graça
de ganhar a porca da vida

Viva a lamentável situação
em que são postos os desobedientes
cortem-lhes a língua fiquem sem pão
partam-lhes os ossos quebrem-lhes os dentes

Viva o corvo da agonia
no areal da vontade
Viva a Liturgia
e viva também a Universidade

Viva a centralização governativa
desde o sol-pôr à madrugada
nas outras horas do dia
também será centralizada

Viva a horizontalidade
da prostituição
e a realidade
da sua abolição

Viva a engrenagem social
com seus rodados sem controvérsia
Viva a carripa movida a pedal
que desafia as leis da inércia

Viva o catedrático
ginecologista
e mais a parteira
com fama de artista

mas (dado que a cautela
nunca foi demais)
vivam os processos
anticoncepcionais

Viva a procura ansiosa
duma situação catita
e a moça que põe a rosa
por sobre os laços da fita

Viva o proletariado
impertinente
e o marido impotente
da vizinha do lado

Viva a demissão formal
dum cargo altamente honroso
como acesso triunfal
para outro mais rendoso

Viva a arrogância ostensiva
dos possessos da atitude
e a adolescência impulsiva
que desconhece a virtude

Vivam os sete alfaiates
da doutrina oficial
e as suas sete tesouras
da conveniência mental

Viva o poeta vagabundo
que frequenta o Cadillac
e que usa a metafísica
para que ninguém o ataque

Vivam os críticos
da poesia
e os raquíticos
da anemia

Viva o football internacional
e o campeonato da segunda divisão
Viva o vulcão
da ilha do Faial

Viva o amor a quinze por cento
e viva o ódio a cento e cinquenta

Vivam as grades das prisões
onde a Constância estrebucha
Vivam os presos aos milhões que
a literatura não se quer roxa

Viva a euforia municipal
na alucinação dos paralelepípedos Vivam
os poetas a quem faltam rimas para
completar o elogio do calcetamento

Vivam as vozes das consciências
daquelas que existem das outras não
quem diz consciência diz insolência
quem diz maldade diz razão

Jubilatório

Filipe, tu se me lês...
Filipe, tu onde estás?
Não te vejo mas sei que me vês.
Achas estas quadras más?

Ouviste os "vivas" que dei?
Filipe, compreendeste?
Se eu soubesse onde estás
perguntava se as leste.

Tenho andado a procurar-te
e não te quero encontrar.
Viva, Filipe, a tua arte
e viva o teu
caminharcom a tua
mulher nos braços e

um filho dentro da
cabeça
Nasçam vítimas dos teus passos
e o areal floresça

quando junto das espumas
caminhas a revelar
os segredos que se tiram
dos movimentos do mar

e do pensamento singelo,
na honesta consciência
de que à vida não se rouba
a sua verdadeira essência.

Viva, Filipe, o amor
e o teu incógnito destino.
Foge, Filipe, e conserva
bem guardado o teu menino.

Génese

Foi há séculos
por acordo de astros e do subsolo
a mobilização geral
para criação dos quadros da polícia

Estiveram de acordo no repasto ecuménico
os astros que cintilavam sobre o território
ou talvez (ao certo não se sabe) esses mesmos
pertencessem aos vizinhos
e chegassem por derramo, acréscimo considerado

Para esta lamentação convém enormemente fixar
que a mobilização geral foi realmente
num século hoje inidentificável
(mas que importa isso?)

e foi uma festa
e a nação aproveitou o momento
para impor em definitivo o seu folclore

Houve alegria do vagabundo
que empalma a condenação e encontra a profissão
adequada
e sem horário de trabalho
e a qual longe de ser o que é uma profissão
(compromisso maçada revolta)
enche de prazer as consciências
cria o gesto de defender a humanidade na sua expressão
aritmética

A MORAL PÚBLICA

e até goza o esófago na circunstância
pois enrola-se numa voltinha que sabe bem ao coração

Porém

eis que surgiu o amante cansado das bruxas conhecidas

- o Diabo é claro -

expelindo da boca muito a propósito
a baba preparada com requinte
solidificada em círculo à roda de cada um
e na extensão das quatro fronteiras
baba inúmera como os nascimentos que acontecem
eterna porque dela só com a morte o corpo se liberta
e a baba fica
de tal modo que os nascimentos desventram-se em super
abundância de baba
e passou a existir mais baba que gente
e mais diabo que baba
e mais bruxas que diabo
e mais polícias que bruxas

Estes polícias
estão afinal policiando-se uns aos outros
(à falta de se poder dizer que se policiam outros a uns)
e assim policiar
já é de tal modo que em vez de cada polícia prender
o outro

prende-se a si mesmo
porque tanto faz
e não vale a pena grades autênticas
pois há baba por toda a parte
nas pedras e nos ares
e até sempre à mão
em círculo
de roda do próprio polícia

E há polícias dentro das paredes
nas planícies verdejantes
polícias, ó meu amor, nos nossos esguios automóveis
olhando do negro das sargetas
detrás das fechaduras
dos paredões das docas
polícias dentro dos olhos

em cada sobejo ou falta na consciência própria ou alheia
milhões em cada rua
vinte detrás de cada vidro
mas ao menos *um* sempre
logo que a palavra *presença* exista no seu sentido
prático

A Uma Mulher-a-Dias

(Endeixa)

Ai o apetite do romantismo

Oh este panorama de mães e filhas e órfãs
sentimentais romanticamente
o odor da rosa seca entre as páginas do livro

e o casamento imprevisto rancorosamente ambicionado
(ai como foi possível realizá-lo?)

A donzela virginal projectada no espanto
das largas possibilidades sentimentais
conquistou
desposa
o opulento archi-sedutor

Ah como sabe bem
o rubor do pecado mais tarde

e os tesouros de prazer ao longo do arrependimento
Como se pode entrar no céu pela cola da lascívia!

Minha Senhora
Vossa Excelência
e o marido de Vossa Excelência
estão desavindos
Ora bem
Parabéns

Onde se encontra a coragem de Vossa Excelência?
Cante Vossa Excelência o fado do seu temperamento
do qual se considera vítima, tirano irresistível
Como sabem bem *a Vossa Excelência*
pecaminosas horizontalidades
Já que arrisca arrisque Vossa Excelência
tudo e tudo não é demais

Se a circunstância é debaixo da árvore
debaixo da árvore será o melhor leito
folhagem de outono a cama mais suave
gorgeio de pássaros Béla Bartok
acompanhado pela música dos beijos
que estalam sobre a pele de Vossa Excelência

Assim total assim como aconteceu
Vossa Excelência será Rainha ao entrar em casa
Vossa Excelência
Vossa Majestade

levará a ostentação de ter sido completamente
agora disfarçada pelo
- Olá meu amor

então? muito cansado?

- Ah sim muito

- A vida

precisamos de férias

talvez uma incursão pelo Pampa

- Oh não, é melhor a Grécia

vamos à Grécia

mas só no mês de Agosto se eles me deixarem

pois a mina estoirou e até lá

ou descubro nova mina

ou entramos na mendicidade

Neste momento Vossa Majestade

verá a seus pés

o panorama efectivo da vingança

porque - é este o seu dever —

com os braços consolará da amargura o marido de Vossa

Excelência:

- Oh meu amor

com que então a mina estoirou

querido não te preocupes

viveremos de qualquer maneira

- oh como eu sei fazer economias

tenho tanta confiança em ti

sei que te basta um gesto para que surja nova mina

e eu ajudo-te querido

queres?

- Oh sim

voltaremos

aos tempos felizes que juntos vivemos

oh há tanto tempo

E Vossa Excelência será mulher-a-dias
metodicamente mulher-a-dias
será a mina que não se encontrou
entrará
no grémio das heroínas do quotidiano
redimida sacrificada romântica
aureolada de clamores lunares
estátua ortodoxa do amor sublime

E assim permanecerá
intangível
exemplar

Meditação Sobre a Perspectiva Final

O antepassado do meu primo John
morreu dançando a quadrilha

Enquanto a dança prosseguia no castelo quimérico
o antepassado do meu primo John dedicava-se
a pensamentos imaginações cansativas
que se não devem ter enquanto se dança a quadrilha

Mas ele era assim a realidade não lhe bastava
por isso caiu para trás definitivamente

Os médicos não acertaram com a profunda cogitação
sobre o equilíbrio necessário entre a imaginação e a
ginástica

O nosso corpo precisa de prudência
ou bem que se imagina ou bem que se vive
as duas coisas ao mesmo tempo são demais

Herói sem Rei nem Roque
ele consagrara o mistério indesvendado duma nuvem
no Astral boiando impávido
viu além dos sonhos mais do que aos homens fora con-
cedido

Coitado
morreu afinal
Ninguém esperava que a coisa lhe acontecesse desta
maneira
merecia bem melhor sorte
a quadrilha não era cenário adequado ao falecimento

Mas aconteceu
e foi uma raridade
como um deus a humanizar-se
ou num instante a petrificação duma floresta

*

O luto que puseram os parentes foi lindíssimo
um calafrio em nome da família
a qual sentirá
(ainda que o não queira)
o grande vácuo produzido por aquela explosão
na massa contínua das gerações

O luto é um alarde necessário
neste quotidiano comercial e moral

Vão lá acabar com o luto
vão dizer que por cá ninguém faz falta
ou que se a alma tem outro mundo para onde ir
ali ficará mais confortavelmente do que neste
e se não tem outro mundo ao seu dispor
o corpo jaz na terra onde se decomporá confortavelmente

Os jornais trazem anúncios dos teatros
e paralelamente uma necrologia respeitável
Chorar e rir é preciso às sociedades
sociedade que não sabe rir não sabe chorar

Eu próprio deitei luto pelo antepassado do meu primo

John

não me dizia respeito mas apeteceu-me
O meu luto não é fato preto
nem alma em requiem confrangida
mas um histerismo íntimo, busca de locais e adiantamentos:
fui visitar a neta da viúva
fui embebedar-me com o jardineiro
fui à mulher-a-dias convencê-la a suicidar-se por alma
de tão grande senhor

A mulher-a-dias escorraçou-me malcriadamente
mas fiquei de consciência tranquila
cumpri o dever do luto
fiz o que me apetecia
(As má-criações do proletariado são outro assunto
que se resolverá com medidas governamentais)

*

Hei-de morrer também como o acaso for servido
talvez dum acto de amor
ou tristemente na cama cercado de fantasmas

A morte vem porque deus levantou o braço
ou segundo as constantes do mundo
aquele estava a mais e é bem preciso que morra

Dizem que hoje em dia
toda a gente morre do cancro ou do coração
e há uma verdade peculiar nesta ideia
é tal e qual como não aconteceu com o antepassado do
meu primo John

A morte ao nível da fisiologia de cada um
eis o que é lindo na nossa civilização
este é o único suposto caminho da liberdade

SEQUENCIA DO AMOR ADIADO

contendo:

um ALARME
dois POEMAS DE CONTACTO
cinco POEMAS DE EXALTAÇÃO
uma REMINISCÊNCIA MUITO ANTIGA
dois POEMAS DE ANGÚSTIA

ALARME

Pois que, segundo consta, de há uns séculos a esta parte vem atravessando pelo país uma grande Aflição, as pessoas têm ido *singelamente* amar-se - com o que nada efectivamente se resolveu, não se sabe se por culpa do amor, se por culpa da singeleza.

Agora, chegados que somos a esta altura daquelas idas, urge fixar tudo numa forma - talvez não a que se esperava mas de qualquer modo uma forma - para elucidação dos vindouros (se os houver) e esca patória de impiedades há muito emparedadas.

Poemas de Contacto

2

O ntem fomos singelamente amar
Tal foi no insípido soturno dia de ontem
o nosso destino sem remédio

Descoberto como um florir ignoto
um penedo deu-nos
maresia encoberta aragem
necessária natureza surpreendida
nuvem sobre o mar antes do horizonte

Nossa descida triunfal
foi uma planta e uma estrela
fundo das vagas por confidente
amplo mar por imaginação
e todo o resto habitual indispensável

Tudo foi assim como poderia
ter sido o contrário:
na natureza, amor, nada
se perde nem se cria
tudo se transforma

3

Agora como Rei que sou
deste país de obscenos marinheiros
devo completar-te um poema lírico
socorrer-me do sol
e do girassol
e da raiva e do ciúme
e dizer-te:
meu amor, meu amor, meu amor...

A prática destes acasos inevitáveis
à nossa natureza (a que pertences)
fez-te conhecer a restante linguagem
igual pragmática tristonha desiludida cansada
desencontrada

Falta só uma gaivota
pousada bem ao centro do automóvel
e o smoking para a madrugada
comodamente ao relento deitados
solitários na erva longa

Poemas de Exaltação

4

Um dedo meu erguido há-de riscar teu nome no céu
azul da cidade

nome ideia
loira ideia como astros
meiga e violenta
cravo, pedra de alicerce lisa superfície

No céu ingénuo da cidade
cinzento o teu nome rasto de algodão
no cinzento ofuscante céu duma ilha verde
no amplo tecto negro duma gruta do mar
entre tubarões e pombas
e ondas
e ecos
e búzios

Cruel dedo meu escreverá teu nome em todo o mundo
no céu igual de todo o mundo
esta unha em ti rasgando entre dois ossos uma veia
para escrever teu nome aladamente
realidade survolante
asa de avião igual a música

Um dedo meu e mais
alto dedo esguio chaminé vermelha de fábrica
escreverá no céu teu nome
Um apito de barco no silêncio

vazio silêncio
noite de silêncio vazia
um apito de barco escreverá teu nome no céu de sangue

Nenhum poeta do género sexual
saberá medir angústias fora de teu nome
Nenhum simples dedo
nenhuma cama
nenhum jardim
nenhum carro
nenhuma sepultura à sombra dos ciprestes ou no des
campado

nenhum fumo de lareira
fumo de gasolina
de barco
será alheio à realidade
violenta substância do teu nome
E as praias os rios as docas
o cordame dos barcos dentro da noite
nada
terá sentido físico ou abstracto
sem que teu nome no rasgado horizonte desça e na me
mória persista

transformação discordante
mensagem
promessa e fruto
paixão antes da morte
teu nome existência estranhamente colorida
enfeitado de algas
e luzes

e se misture no sangue e no sangue viva corpulento e duro
pedra entre pedras
onda entre ondas
barco entre montanhas
florido encontro de penedo e seiva

5

Sejamos pedras numa combinação quente
Roubemos um arranha-céus que não caiba no bolso
Vamos entregar-nos à polícia

e teremos à nossa espera um automóvel marca

CONCHA

e uma intimidade de vermes para rastejarmos verti-
calmente sem rubor

Para ti um cabaret

para mim um banco

para ti uma rosa

para mim uma árvore desfolhada

exclusivamente para mim solitário uma rua com toda a

gente

para ti um poeta sem cama que te dirá consequentes sons

como: que bonito o quarto! que rumorosa

a fonte! que amarelo o girassol!

Para nós um ponto

o ponto das estradas desta vagabundagem pletórica

um pensamento

uma cócega

uma paisagem dessas serras para brotarem lágrimas dos
olhos e dizermos:

VIVA PORTUGAL!

Depois
a morte no rés do chão
uma conta a pagar no dia quinze
e um coche
puxado a cinco parelhas de angústias bem medidas para
caírem lágrimas de despedida
e ódio
 (que é preciso odiar)
muito ódio
ódio sectário
ódio às árvores
aos noventa e três contos por mês do ministro da Noruega
ódio ao elefante a quem atiram cenouras
ódio à mentalidade colonizadora
ódio ao pianista ódio ao maestro
ódio ao veludo
ódio aos fabricantes de amor
ódio à paisagem
às estruturas
à realidade, ao sonho
ódio aos ovos, às rectas
aos seios da mulher que repete o dobrar da esquina
ódio à incomodidade abstracta

ÓDIO!

que só num ponto em ti se encontra amor

aí

e adiante, na interrupção duma árvore deitada na
estrada em dias de calor a confundir-se

em sombra

na positiva posse impossível duma beleza despren-

dida

subtil como um dedo

(um insulto não possuir um astro

a ânsia de astros e uma estrela desejada num

domingo depois do almoço)

tudo entre um ódio e uma cauda de peixe

Ódio único

ódio clássico

ódio tribunício

ódio histórico

repetido secular

ódio à enxada à enxerga à importação

ódio místico

ódio à simbiose ibérica !

Ódio !!

Todas as formas possíveis de ódio irrelevante !!!

Porque este encantamento de pedras é a suave vaga-
bundagem a continuar-se

e nenhum osso nenhuma voz

vem repousar antes da morte na nossa cama

Assim encontrados na sombra os teus olhos rondam
 e o céu que rondam
 permanece além da tua virgindade
 Fui como pântano, alegre pântano
 fui como heras
 um fio do horizonte ao sol
 mágoa
 E fui lodo numa rua de cidade

Foste o cristal das nuvens
 estátua mal possuída tacteada
 meticulosamente percorrida pela imaginação
 um beijo em cada ponto sobre a pele
 absoluto um laço de fita cor de rosa sobre o sexo

E o prazer tornado objecto real
 desliza por cada canto da boca
 cai metalicamente no chão
 e rola longo muito longo no tapete

Ideal de pássaros celestes
 Harmonia sangrenta em lua cheia
 Boca sorriso fronte deserta
 Amor sem razão e sem mistério

Realidade pura de permeio
Corpo com astros destróçados
Sombra no fim onde falecem
esperança e medo sem fronteiras
Telúrica lava a transbordar
da veia inconsciente da agonia
Ideal realizado em pensamento
Idea transmutada em realidade
Eternidade limitada voluntariamente
Sonho voluntariamente preparado
Linha de colo como deus criou
Amor e beijo posse ascencional
Tudo Tudo Rumor e Tempestade
Virgem prostituta imaculada
Imaculada virgem prostituta
Prostituta imaculada virgem

8

Para o próximo dia
traz também um cesto de seixos brancos
a inefável substância do fumo do cigarro
enrolada em ti
e nunca por nada nem que os deuses determinem
abandones a perfidia volante no teu sorriso
e os teus lábios
e o teu desenho na roda lunar

Para o próximo dia
peço que alicies uma estrela
e vem deitar-te com ela

Para o próximo dia
que será de sol magnânimo e paisagem densíssima
repousa na curva dum pensamento
inconsciente da madrugada
inconsciente do relógio compassado
inconsciente do perfume que te segue

Poemas de Angústia

9

Porque não vens?

Separámo-nos ainda ontem
e logo perguntei
porque não vens
Agora
há já duzentos anos que não vens
amanhã
serão quatrocentos
e assim sucessivamente
cada dia o dobro do anterior

Porque desafias as potestades
com esta progressão geométrica?

O tempo estabelecido para a medida humana
acusa um grande perigo
teremos de partir em direcção dos astros
foguetões rapidíssimos
e mais surpreendente que rapidíssimos
foguetões ansiosos
pelo espaço reencontrando a medida do tempo

Porque chegaríamos a tão arrogante aflição?
Divididos entre uma cama triste
e uma aurora de euforia
e uma pré-gestação convencional
a perspectiva da nossa carne a esboroar-se
este frémite constante batendo no peito e na garganta

Porque não vens?

Ficaremos derrotados se não vens
Enfrentaremos
cada um sozinho
a fisionomia óssea dum mundo inevitável
as mulheres feitas de cartolina
os homens esculturas de adobe
enforcados gélidos
ao ritmo sinistro do mundo bamboeiam as pernas
e deus em cima contempla a obra da Sua Criação

Porque não vens?

As grandes angústias é sabido
provocam transformações estético-biológicas
Desconfiei e tenho agora a certeza obsidante
de que é pela angústia do teu amor que me cai o cabelo

51

Em todo o caso
cai-me o cabelo na angústia do teu amor
e enchem-se da matéria inconsequente dos cabelos caídos
os meus pentes de tartaruga

Por ti
em breve ficarei semelhante a vários ministros comenta-
díssimos
serei solidário com a trama internacional dos carecas
e entrarei no ritmo dos elogios delicadíssimos a tal cir-
cunstância

Por teu amor
em breve terei por cabeça
uma superfície lilás extensíssima
com uma roda incompleta mais escura
como uma península desértica
e no istmo vertical um nariz e uma boca

Por ti
envergonhado porei um chapéu de abas valiosíssimas
solene e negro como um compromisso

Por ti
renunciarei a esta cabeleira esperança da
juventude prado potencial para cobrir de carícias

Uma Reminiscência Muito Antiga

11

Regressar à paisagem ao dia claro
verde riacho entre colinas
tortuoso o riacho e o casal de pastores
falando de metafísicas no ermo verdejante
e o sereno amor em mim e nos pastores

Se alcançámos o monte pequeno e a paisagem foi
um rebanho deitado ou oliveiras tristes
rebanho de oliveiras na colina e ao cimo uma casa
e um vale no lugar dos vales
e uma extensão saltando da paisagem
e oferecendo-se aos nossos corpos

que nada nos seja roubado !

Nem o inverno
nem a fábrica varando a paisagem com a presença refas-
telada
nem o poste de alta tensão - perigo de morte
nem tu
nem a nossa condição de animais fora da lei

Onde houver olhos e boca
a paisagem dormirá até à consumação dos séculos
e um murmúrio de amor percorrerá as oliveiras tristes

TEORIA DA TRIBUTAÇÃO
NO REINO
DE NABUCODONOSOR

Princípios Gerais

Será o tributo coisa sem contestação
devida por pessoa em sujeição

Quem não quiser pagar
com razão ou sem razão
e se recusar
aos termos codiciais
será vítima
de execuções especiais

Assim se aplique todos os dias
sem excepções
sem fantasias

salvo é claro às pessoas
mais ou menos *aquilo*
havidas em conta tal
desabrangidas
pela alçada geral

Aliás o tribunal
não é feito
para outra coisa
templo de toda a destrinça
flagelo da injustiça
e guardião do direito

Se a coisa passar a mais
houver desacatamento
abuso do entendimento
impropriedade pensante
propósito de desrespeito
suspeita da vera finalidade
do palácio do direito

seja entregue o contraventor
ao braço vingativo
prisional
pois há perigo
tremelica
a segurança social

Seja posto em posição de réu
e acusado
tire-se-lhe a camisa
toda a vestimenta
fique nu

seja trabalhado
até se considerar
suficientemente humilhado
até ficar evidente
esta grande verdade:

é melhor a liberdade
apesar da tributação
do que jazer na prisão
em doentia humildade

Em dados casos até
poderá sem apelo
tira por tira arrancar-se-lhe
toda a pele
Tal raspção justiceira
descobrimdo em carne viva
a fisiologia torcida
de quem pretende rachar
a abóbada conceptual
e real
que defende os cidadãos
será levada a extremos
em caso de necessidade:

sejam-lhe as mãos atadas
e a raspção seguirá
praticando-se às camadas

E quando o osso surgir
compareça o instrumento
de que a prisão disporá
e já preparou
e já mal alimentou:

venham os cães
apresente-se a matilha
Que deve acabar como deve
este sobre todos hediondo infractor

Prenda-se esfole-se raspe-se
entregue-se à fúria canina
todo o mau tributador

Proclamação de Nabucodonosor aos Cidadãos

Tributadores!

Novo sentido
se estipula
do termo *cidadão*

quem diz cidadania
diz tributação

Real Senhor e Sol
Dono da Propriedade
determino
que pague tributo
tudo o que ao Sol que sou
existe
Sem exceção
tudo manifestado

Mas porque a um Rei como eu
falar não é sem causa
é bom que o meu falar
traga inovação:

Seja objecto de tributo
o pensamento
o sentimento
tudo o que é interno
na mesma medida
de tudo o que é externo

Paguem-se os desejos ao tesouro
pague-se o amor
e a inveja
o ódio o despeito
e a amizade
corram manás
de tudo o que é interno
na humanidade

Toda a apropriação será tributada
de pessoa ou coisa
ou de pensamento

Paga-se tributo por ter tristeza
e por ter contentamento

Seja a grande conquista desta nação
a universalidade da tributação

Aos descontentes
(que os haverá sempre
mesmo entre os súbditos felizes
de Nabucodonosor)
proclamo que é grande honra
a qualidade de tributador

Quem desejar agradar-me
- quem o não deseja? -
pague tributo
Quem venerar os ideais do Rei
- quem os não venera? -
pague tributo
Quem os filhos desejar sem fome
- quem será mau pai? -
pague tributo

Deve o acto de tributar
produzir alegria
gerar euforia
desencadear a excitação
que ao ver feliz o Rei
todos sentirão

Se o Rei estiver feliz
todo o cidadão
é feliz e contente

Nisto têm de acreditar
ou não seja eu Nabucodonosor
Sol Rei Senhor da Nação
Rei Genial Inventor
da Teoria
do Bom Tributador

Despacho

Mesmo a rosa recém-colhida
ou desfolhada pela viração
terá de ser implicada
na Teoria da Tributação

Corpo de Delito

As Mãos e a Rosa
(relatório)

Na madrugada pardacenta
entre armações veleiras
no cais dos pescadores
era ainda o horizonte
coalhado de vagalumes

a Polícia Geral
surpreendeu
a existência clandestina
temerária
para mais parecendo apetecida
de duas mãos e uma rosa

Estes objectos
se passam a descrever:

Rosa sem qualificação particular
entre rosa e vermelho
pétalas semi-abertas
como a boca da detida
a quem pertencia uma das mãos em questão
A outra mão sombria
de pêlos lavrada
e veias atravessada
pertencia ao cidadão
por quem naquele instante
a detida era abraçada

As mãos possuíam a rosa
A rosa era possuída
As mãos mutuamente
possuíam as mãos
E cada pessoa
depois na prisão
se declarou possuidor
da mão que possuía a outra mão
que possuía a rosa

E cada um deles
com grande arrogância
se declarou possuidor
da pessoa do outro
no mesmo teor

em que o eram da rosa
através dum fenómeno
a que chamaram amor

Detiveram-se os três objectos
mas não havendo instrumento
para separar as mãos
dos corpos respectivos
prenderam-se os corpos também
e ainda bem
pois possuindo-se
mutuamente segundo a declaração
bem é que fiquem na prisão

pois todas estas posses
- tanta posse tanta posse -
se verificaram à margem
da Teoria da Tributação

Eu José Calcador
da Polícia Geral
de Sua Majestade Solar
El-Rei D. Nabucodonosor

Articulado Parecer e Assento

Nada é omissio
no regulamento codicial

Raiz única da lei
Vontade Real

Raiz do Rei
roda solar

O Rei é Sol
o Sol é Lei
Lei é Sol
a Lei é Rei
Rei é Lei

(A doutrina vai entretanto
caminhando para outra extensão
multidireccional

pois o Rei que por enquanto é apenas Solar
tende para o Sideral
e sê-lo-á mais breve que o previsto)

Sideral Real Solar
Solei Siderreal
Só Si de Rei
Rei Só de Si
Só de Lei Rei
donde se conclui
que:

lei legal
igual
Vontade Real

Todo o contrário é afinal
cupidum et absurdum
punível e abissal

Tendo agora brotado a luz
da matéria definitiva
irradiada pelo patricio conclave
caia em todo o esplendor
sobre o exposto Articulado
deste caso de amor

Segundo ficou dito
incontrovertidamente provado
precisa o Articulado
do Parecer deste Assento

Assente-se pois no Parecer
de que não carece medida
a tributação exigível
à nefanda coexistência
horrenda apropriação
não só de mão e de mão
mas também de mãos e rosa
em concupiscência latente
lançando-se em confusão
misturando-se indevidamente

Ergo se tributem os objectos
constantes do Articulado
outrossim o sentimento
sem vergonha confessado
outrossim a multiplicação
de posses cometida
mais o prazer patente
da contravenção repetida
e mais a consciência
do erro inerente

Siga pois a execução
das penas codificadas
segundo as competências
do juízo e da prisão

Se não houver que confiscar
(para completa satisfação
da norma tributária)
antes da raspação
e sem outras exigências
penhorem-se as consciências

Não são estas óbulo ideal
Mas dalguma coisa servirão
ao menos para a combustão
que no Palácio Real
na luzente chaminé
ambienta e dá calor
a Sua Majestade Solar
El-Rei D. Nabucodonosor

Cântico Feminino

Por ti
lágrimas na derrocada
que pende na sorte do meu corpo

Por ti só por ti
as longas saudades do cais
terminal do mar íntimo
liberta cruz de mútua contemplação

Tu onda tu horizonte
surpresa permanente após a neblina
dormiste
nossas cabeças sobre as enroladas redes
o alcatrão e a resina
confidentes do nosso respirar
melodiosa a maresia
cúmplice
no silêncio

Nenhum outro cais para nós
de peitos plenos
sulcados de rasgos de grifos
Desafiámos implorámos
um astro
e outro astro

Então o sono desceu
sobre ti animal destroçado
circunstancialmente destroçado
E eu velei
desperta sobre o teu sono
solitária
 estátua
 siderada

e assim reconstruída
sem outro mundo que o do teu silêncio
e o dos fantasmas
confiantes
deambulando na acidentada geografia do mundo

Intacta fiquei para ti
virgem para ti
virgem para além do labirinto em que me enrolaste

Tua boca minha
teu corpo meu
feras sob outras feras
pedras roladas na solidão

E fiquei virgem

*

Cobertos pelo longo sudário duma procura
onde
em que paisagem
alguma coisa de mim destruirias

pois onde me tocavas
aí floria
aí realidades miragens
me faziam compacta
exactos os contornos do meu corpo
internamente
desejo e pensamento
exactos

Amado sofrimento quotidiano
contínuo brotar de saliva
consciência em caudal
como se princípio e fim

fossem passos na imensidade
e tu autor do infinito
não tivesses nascido
e existindo jazesses

Foi nossa esperança a madrugada cinzenta
no cais
 porquê no cais?
 Sim no cais

Destruir não pertence à tua substância
Ou não é minha natureza aceitar a tua destruição

Se outro caís nos fora dado
humilde me ofereceria à tua espada

E permaneceria intacta

*

Quando os bezoiros sangrentos
zumbiram à nossa volta
os vagalumes fugiram
os astros debandaram

Os olhos que nos procuraram
as mãos que nos amarraram
os cicílios que nos separaram

*

serão em côncavo gravados
nas gestas da madrugada

*

Os homens na minha carne
cevaram corrosões

Meu sangue de animal
fluindo enegreceu

Desabrocharam os ossos
cartilagens de veludo
artérias azuis oblongas

E o espanto vermelho
inundando estes meus olhos
do sangue fora das veias
ondeando no vazio do corpo
criou a contemplação dum mundo
sem carícias e sem morte
E das matilhas esfomeadas
as dentaduras intermináveis
perfuradoras de impiedade
juntaram-se ao rancor gutural
das feras preparadas

Através das matilhas esfomeadas
os homens na minha carne
cevaram corrosões

*

No alto monte de ruínas
monte ruínas de ossos sem finalidade

onde nem chacais ou corvos
querem debruçar-se uma vez

os ossos se me secaram
e esfarelaram

A doce milenária brisa
que ao crepúsculo atravessa Babilónia
os espalhará pelo mundo

*

Mas permaneço intacta
Desejo e pensamento intactos

Esperar-te-ei no cais
dos pescadores dos vagalumes

E porquê no cais?
Sim no cais

Virgem para ti
Intacta

Cântico Masculino

Oh minha Babilónia
que foste Babilónia
agora Nabucodonosória

CORPO CONFLITO

CORPO DIPLOMÁTICO

*Apenas quando a vítima exala o último suspiro
o sacrificio se completa.*

Homero

Se nos pica falar de sacrifícios
e outras pudicícias deste Albergue,
os que fizeram diplomatas portugueses
em páginas de oiro (nada menos!)
se gravem excelentes
- pináculo da pátria-história
razão de nos vermos
sobreviventes.

Pintam cenários a mente e espátula
na agrura do concreto e bebem,
como champagne da mala diplomática,
o vinho a martelo que se envia
para trato no milagre
da sua corporal alquimia.

Ofertam-se com varonia
ao Rei do Congo
para abrir a caça ao escravo
pelo barato.

Roando Alame negocia com o papa
por havermos o grau cardinalício,
a casta, Senhora D. Sofia
cede ao lúbrico
homem-chave da correria
para aveludar o ditame
de sua eminente fantasia.

Não por escárnio
(por cumplicidade ancestral)
em Lisboa diplomatas portugueses
engatam para Sukarno.
Vão com ruidosas alegrias
do bordel ao cabaret
a mando de Salazar
recrutar as raparigas
para a Dormida Imperial.
Eram putas e não adestradas
na lascívia de tal Senhoria
que mais alto standard
de Portugal exigia.
Por sacrifício, o brio
corporal de diplomatas
não nos deixa a honra de gatas.

D. Manoel, o de pedigree,
a bem da guerra colonial
corteja a negra kujubi
(vendo-lhe embora atrozes
mandíbulas e carapinha)
para em ONU votar
a favor de Portugal;
entrega-lhe a volúpia

tanta quanta tinha,
desce ao profundo que se oferecia.
Baixa depois ao caldeiro
da antropofagia
e assim
eis os restos mortais
de D. Manoel, inteiro
diplomata corporal,
dejectados no capim
da savana tropical.

Esses cândidos rapazes
subtilmente tratados
entre arrases e beirizes
primam por eficazes
pelo corpo sublimando
em desígnios cordatos
os desígnios soezes.

Se nos pica falar de sacrifícios
sevícias e cilícios,
fazê-los não é o pior
a quem os faz, mas
atentar nos zelos
por que se fazem
no momento de fazê-los.

FANTASMAS

*Que sejam nada todos os que atacam o meu
Nome, as minhas efigies, as imagens do meu
Duplo, o meu Legado. Serão privados do seu
nome, do seu Duplo, do seu Khou, do seu Bai,
do seu Ka.*

Estela de execração contra
os violadores de sepulturas

(Egipto)

Rosas

Espinhos de roseira te apanharam
não por matéria (que não, o tinhas)

por têxtil talvez doutro tear doutras
epidermes

tu desfocada em fumarolas
da terra, exígua, fugidia

espinhos improváveis te agarraram
e rosas de rosas floriram

não basta ao que inexistente
que transborde ou fale:

o humano é à partida
uma questão formal

Vitorino Nemésio

Cabra que pastas com asco,
que tom te tem o cabrar?
Posta entre ti e o pasto
que entrevês? É cobra? É laço
que te aperta? Guizo? Esgar?

Confluem-te as verdes silvas
ao nariz molhado, alvas
florinhas tremem trepidam
no dente arguto e os olhos vibram
como vibram os das cabras.

Porquê com asco, cabrinha?
Que moinha te molesta
se o pasto é bom como relva
se te pertence a devesa
e tens a silva e a vinha?

Que desgosto te desgosta?
Que sentimento nefasto?
Será a náusea da bosta
ou a do simples cabrar,
cabra que pastas com asco?

José Marinho

Falta lugar a cada sentimento
a cada sentimento o lugar
no sentido de ser

Falta ao vazio do urdimento
na vertical deste estar
o silêncio de sendo fenecer

Lady Macbeth Aggiornata

Por Inverness te vejo seminua
fantasma de velho outono
em que doaste desamor
ao sangue e sobressalto da tua
lucidez (por aí te evades e te crês).

Crer é dor da sem-razão
causa da entrega, passar
da visionária luz ao acto à mão
- com sangue/sem sangue, hoje tanto faz.

As sagradas ameias de Inverness
por onde ambularam ancestrais
de ti, varões invectivaram astros
e matronas ferveram o azeite;
estrídulas ameias de Inverness
atroando glória e holocausto

já não suportam neste outono tuas armas
- cetáceos maquinados, ameaças
de polvos mastodontes, carcaças/
/leiser, os átomos, as farsas.

Activada ao ponto em que te vês
raízes te não plantam já em Inverness;
e, pois radicada, as cortas cerce
e voarás talvez até aos céus.

Bem firme em chão que te defina e fixe
comandarás por tuas mãos o apocalipse

António Pedro

Agora te descobrimos o truque:
tinhas as mãos como tambores inchadas
dos coelhos entre pele e metacarpo
donde os expelias fora por cotovelos

ficava-te na cara o riso da criança
frente ao mágico/circo
próprio, do tapete à lata do lixo,
à barrica outrora de peixe.

Como afinal tão mirradas?
pois tudo continham além de roedores
(cada qual multiplicado); argamassavas
de génese argamassa e argumento
belas e malas artes

no acto gemelar de sentir
sobre nada o efeito de florir
ou degenerar, corroer, secar
até ao baixo da querida blasfémia
"a torpitude!"

Entre pele e metacarpo, borboletas
e coisas de subir, de canário a águia,
aviões, demónios celestes,
desamor dos Macbeth, não falando

da ratazana que te sobrevoa
em cada ejacular por poesia
de tua boca

doando chagas a indigentes,
poeira às serranias e fatídicas féeries,
à cabeleira de génios saciados,
cada hora em nuvens da Serra d'Arga
onde sorvem os líquidos de sua dieta.

E também o alado deus de manobra
ex-máquina no espaço total

o qual reproduziste
de inconcreta maquete em cada palco, ponto a ponto
correspondido o corpo do deus manobранte.

E tudo, por pânico e mãos, no inchaço
entre pele e metacarpo.

Mário Henrique Leiria

Atravesso pelos ramos reflectindo
no quanto a morte contamina o percurso do sonho
e os outros que fazemos deitados
cotovelo na estrela, mundividência sob o arco da ponte
- aqui onde trabalhamos operativos
mãos brutalizadas, cáustico retesar
de quantos músculos para o dia seguinte,
a autocomiseração mobilizada

Entre guindastes ensarilhados o vagabundo
sai para a morte
ele tem experiência
a morte é verticalmente para cima.
O guindaste desafia a palidez e a maceração:
"Vem de boleia, vem" e toma-o
com as pinças.

Obra da mesma morte
a do condutor na carlinga, morte
nunca intimidada por motivos laborais.
As engrenagens continuam no silêncio de alguém do silvo
o delírio/guindaste roda, roda na peanha.
Abre os dedos

Desde logo horizontal
o percurso do corpo, depois descendente
em gráfico financeiro. E a matéria corporal
plasmada contra o mastro do navio soviético
em descarga de bananas.

"Porquê soviético?" pergunta a Judiciária.

O guindaste parara
entretanto para que o enigma da morte
e do instrumental acenda
molhes circunspectos e desconfiança
ao nocturno abraço de turquesa
cordame e maresia em portos donde
vagabundos partem incomodados para a morte

Nós nem por isso.

Bem lhe sentimos o ritmo, enleio, enlevo,
pisar de mais ninguém, tornozelo flexível,
cadência no ar, eco sem causa. Agride
- amante que de novo agredirá
afagada a confiança, propícia
a noite, disparado o labor do sonho.
Não é o corpo o onde dá; principalmente
na visão deste verificado existir - muito por enquanto /
pouco a partir de sábado / nada depois que ela queira.

Então entretece a teoria de flores
e cinza e pássaros e plantas de espinho
para o meeting exangue, pois o dá
e involuntariamente o tomamos.

Por reflexos, por árvores,
lagos e foguetões, o estrépito
renasce/retine em lúcida clareza pura
e a mulher cíclica (a saloia vendedeira de queijos) profere
"obrigadinha senhor até para a próxima"

como se a próxima fosse a dela.

Empório sem alternativa
vida / deserto - deserto / nada.

Ou talvez o colo
da amada, a que foi ou agora nos destinam, municuada
de sorriso e frutos não consentidos,
no regaço, outra juventude e latescer, configurando
o regresso à futura primavera, a esperança
dos paraísos que frustrámos.

Assim nos é. E se for,
me seja meigamente, a mão calada nesta
fonte que jorra até ao cuspo final

Sob o arco, formo com os outros
mero sistema de aplicação energética. Temos
o dia seguinte. Obrigação / angústia a resolver,
que ninguém perdoa. Resolver / sim; adiar / nada.
Cosemos as tréguas ao entretempo da noite,
as luzes ao banco de lamentos.
A estrela fere no cotovelo: aguda, aguda
como o silvo demente do guindaste.
Mil passos aí à frente.

Ainda? Reflexo
de reflexo, o porto e o abraço
de turquesa, noite do cordame
e maresia

Bernardo Santareno

*Pero cuando al reloj legó la larga hora
de la muerte, cumpliste,
cumpliste con la misma tranquilidad alegre,
cumpliste con el deber de morir.*

Pablo Neruda

Dói a vida em veludos do altar
na fimbria do assertoado das rendas
tanto no critério do clero
como no doutro olhar mais sério

As chagas descem ao exacto lugar
onde surgem e sangram e há-de sofrê-las
quem as tiver no coiro ou nas células
conforme o onde brotam, com ou sem critério

Cada sentimento/gesto, cada estar
se decompõe na joalharia do carinho
com que a atenta cibernética ampara
o humano que é geral ou é sozinho

Ofélia

(De Hamlet/Príncipe/Chave.)

1.

Recusavas a medicina
o doméstico preferias:
com doçura com manha
mãos em teu interior
estrangulavam o feto.
Imenso ai
da tua entranha
- fruste vagido - ecoava
a pré-maternidade compungida.

Pernas, o essencial de ti,
ei-las repostas a serviço.
Então o Príncipe surgia, ai!,
pela mão pragmática do teu pai
(Primeiro-Ministro
haja cortesia), reflectia,
prometia chutar-te pró convento
(poesia poesia poesia)

A repetição do ritual
exaltava na fantasia
instrumental do infante
o apetite das tuas pernas
- nelas se deitava
o ciclo repetia
continuava.

2.

O ribeiro verdoso
em voluptuosas voltas
e volutas se alonga
no chão da Dinamarca
caminho do Kattegat,
arroio do teu resgate,
veio do teu enleio,
tua alegria, teu alicate.

Já os fetos sobram na alcova
- realenga escatologia
no silêncio do antes-de-ser -
e em ti pungia
a vergonha do teu

"agora que fazer?

Confia-los a lacaios
ferinos raios
contra senhores e senhoras
sobretudo pecadoras ?"

Além o Kattegat
pelo fio que vos liga
poderá sugar-te
a matéria escarlate
sem rebate
sem intriga.

Fazes com jornais um atado
que envolves, de pudor,
em estrímulas
grinaldas tecidas
de singelas plantas
do campo: tomilho
salsa poejo
a gloriosa cabeleira
e polpa da cebola
a cidreira
irritantes urtigas
com rosas de maio
entre frias sarças
e ardentes malmequeres.
Assim o pacote
envolves sublimas disfarças
sob o capote.

E chegas ao ribeiro
lá onde o salgueiro
tem de prata
o folheto que abate
sobre a água fugidia
na direcção Kattegat.
Trepas ao ramo que tomba
(e será tua pistola).

Lá vai boiando a grinalda
com seu feto interior;
no sorvo da água late
fervilha rodopia
se afunda.
Caminho do Kattegat?

Ai que poder te inunda
ou de madre ou de magia?
Ai que sorte te deslumbra
que malícia te rebate?
Haverá mundo-utopia
que te queira e te acate?

A mórbida corrente
do caprichoso rio
o feto arrasta conduz
ao pego circunflexo
de lúgubre voluta
onde cardumes de peixe
teus fetos amimam
recuperam
transfiguram.

3.

Quando a morte
te dá (por que aborte
o que para aborto
já não tem suporte),
levas a mão à pistola
de madre pérola

que o Príncipe te dera.
Tremes pelo aço da bala,
desconfias do simples morrer
ao estampido que traspassa
e cala.

A natureza requer
a natureza assumida.
Magnético te atrainho
o ramo do salgueiro
de prateada copa
horizontal ao ribeiro.

Eis-te sobre o ramo
anterior ao Kattegat,
no hesitante desmando
de atirar-te
ou resguardar-te
e bradas dividida:
"Por que motivo
o ramo se não parte?"

E o ramo partiu-se
pelo enigma da vida.

4.

Arma-se o capote em pára-corpo
insuflado para o boiar
daquela que bóia e canta
o soluço da partida
e o sopro de chegar:

"Fui quem a morte me é
ou mais a fonte/vida
sempre exaurida
revivida;
fonte/morte sempre
remortificada
rechegada.
O quê de mim foi a vida?
O sem de mim lhe seria?
O ser de mim se gorou
na vida em que renascia.
Me seja leve a corrente,
me arraste me desgaste
na morte, confluyente
do ser e do amar-te,
entre o ramo reverente
e o mar do Kattegat."

5.

Em pompa foi recebida
morta Ofélia revivida
no pego dos fetos-peixe.
Ofélia Ofélia ali fica?
Ofélia Ofélia além parte?
Vive quem Ofélia deixe,
morre quem Ofélia mate.

Que Ofélia toda se aniche
entre o ramo que se abate
e o mar do Kattegat.

O REAL TRANSGRESSOR

*Se soubesse a quantidade de mulheres que vêm
pedir-me que lhes faça morrer o marido, ficaria
aterrado.*

Confissão de uma vidente a
Maurice Bouisson

Governo

(em 7 aforismos)

- 1 Os perfis mudam de pêlo os
travestis superam o modelo
- 2 Quem realejos sabe realejo toque
se não sabe nem pode
realeja ad hoc
- 3 O clown atinge a própria pedrada
o mirone acusa a abrilada
- 4 De raminhos na mão à compita
os membros rememoram a membrana
da unidade e por si ordenam a grita
que a destrona
- 5 Après nous le déluge
quem nos fez nos estrebuche
- 6 "Acorda pró acordo, merda!"
(Afinal eram ambos da corda)
- 7 Fazem o pacto sagram o retrato
lacam o acto congressam o impacte
à toa se inconsuma o facto

6.8.81

Indisciplina Feminina

(no partido burguês)

Ainda que o partido obrigue
não o dou, que não tenho
seio complacente.
Se não mo fosse proibido
diria que o partido errou:
não se corrompe um sindicalista
impante a simples golpes de vista
nem por força dum seio militante.

Mães

Oh mães desdentadas
que à porta do casebre
estais
e caninamente estaríeis
se não fora dos cães
próprio as dentaduras
irrevogáveis

ó mães atacadas de febre
fantasmas e miasmas
flébeis
passivas sempre
até nos actos primariamente
indispensáveis
à qualidade de mãe

eia! Reagi!

(os filhos lutam pra si
exalam os próprios ais
mordem co'os próprios dentes
trilham as próprias pistas)

se por nada mais clamais
ao menos exigei
que o governo vos pague os dentistas

Selfkinos

Quando me separo da cabeça

- exercício providencial que tanto me excita -
o corpo segue a reflexo
e entretanto a cabeça reflecte
no rabo largado pela lagartixa

Mudança

Tem sido, promocional e snobeiro
deter meios para consumir
o que importamos do estrangeiro

Agora, nova ideia,
proclame-se e legalize
snob e promocional
gastar do que se cria
os restos do que havia
detrás dos balcões de quem nos fia

2.9.81

Tiranitiro

Ronald Reagan foi
varado perdoai-me senhor
não estou interessado

pois sendo o presidente dos USA
usualmente baleado
por um mentecapto

o caso excede a filantropia
a caridade
e cai no profissional
do presidente
e no respectivo sindicato

Junho, 1981

Passa

Esta que passa a passa
deu a mamada às crianças
como desse
passa e graça
sem reuma sem fastio
nem ânsias
ou erguesse
luz do corpo nívea
ou baça

Evola névoa que enleia
passa acotovela a meia-
-laranja ao redor
aquática ganha, perdida
no mais que se vê
imaginar, racional desvelo
liame directo
do púbis ao cerebelo

Espaço ocupacional
entre nada e ser
lua luar luz que afina

sobre o mocho sobre o baço
acerta aos olhos do gato
vai à vidraça
retrocede esquina

e a passa deslaça
e passa

Pentáculo/Estatística

Eram 5 retornadas
(5 grandes borrachos)
aderiram aos 3
clientes da lavanderia;
2 dos borrachos mestiças
a julgar pela cromia
crânio
e todo o sub e supra
cutâneo

As 5 retomaram para não fazerem guerra
e (em obediência às pombinhas
que por aí sobrevoam)
fazem amor
(com os 3 da lavanderia)
Mete-se no computador
a relação 5/3
o computador chama-lhe detrito
expede-a pró cosmogónico
como foi verificado:
as 2 mulatas (estigmatas) ritualizam
queimam coisas em caçoilas

liberta-se energia
semimística sôfrega relacional
desindividual
que impõe a reformulação
de toda a perfídia
toda a glória
da descolonização

De momento ainda não
compreendo:
1º - nenhum dos 8
se ter tornado guru;
2º - dos 8,7
serem católicos apostólicos romanos
e, destes, 3
mãos nas mãos
da hierarquia colonial;
3º - que dos 3,1
seja probo humanista viril e
2 tecnocratas
ambicionam ser governo
pra se locupletarem;
4º - nenhuma das 5
engravidar
de qualquer dos 3;
5º - nunca precisarem
do recurso à droga

e por aí há droga de truz
desde o charro de ervinha à
morfina
e daí pra cima

História

A pequena das bermudas
oposta à da saia-calça
contra o rapaz das pantufas
e a outra que a alça alça

retira véus e colans
municia-se de jins
e a que avança o cai-cai
e vai de calcantes ténis

espinoteia com um
tricotine prafrentex
todo na volta em debrum
às anáguas do complexo

trepas ao mamilo o lagarto
anda na academia
entrechoca na que aparta
às fatias a ticherte

a do verde de verdete
a do laranja de espia
(podre de filosofia)
e o-que-não-quer-perder-te

pois é útil e audaz
por prazer e outras leis
tapa-o em estilo lois
a requinte levistraus

a cinética afile
o alternar dança que dança
põe ricalevis ou li
estimula-o a bonanza

o cofio da donzela
retratada em almanaque
sendo ela muito aquela
e ele em ponto basbaque

calças de boca de sino
o plié da tua avó
o regalo com que o primo
cruzou o pólo em trenó

o talabarte do rei
filado plo estafeta
na catástrofe que a grei
lhe moveu a picareta

a fardeta que na Índia
envergou Vassalo e Silva
e a saia de rebique
às noites posta em Cabíria

a mala do correio-trote
a veste de laçarote
que a Carlota Joaquina
despiu por fúria uterina

a bigodaça postiça
colada por Salazar
e até a própria labita
com que a levou ao altar

a vira de musselina
sob o vivo de retrós
carcela pinga-que-pinga
na cútis de pó-de-arroz

abre leques a sultana
em requebros se extrema
as ceroulas do sacana
ainda com seu esperma,

tudo isto e tudo o mais
que de importante me esquece
(como sombras de cambraia
ou a glória do topless),

o inconsciente entorna
historia o rapazio
curtinho transe de inverno
e os que lhe dão no estio

Protecção Social

A
praz-me dar esmola nas esplanadas
da praia ou em night-clubs de má nota
mas este prazer decorre da posição do
mendigo sobretudo no gesto ou tic
com que tenha enriquecido
o que respeita ao cotovelo
e do joelho esquerdo
cujo efeito
(pró caso deste prazer)
jamais desprezo

Se tudo vem acertar
generoso dou esmola soberana
. Ao mínimo defeito
na posição do cotovelo
(ou outra manha articular)
inda que não vá adiante
dum microscópico desmazelo,
não dou a esmola
simplesmente

Ecologia

Quebram as férias de
verão o teu sorriso feliz

quebram os olhos do rochedo
o contrabando de haxixe

quebram os homens-bolota
a oca braguilha morta

A caravana na praia
entre bidons e bidés
a volta da rota vaia

A espuma fala e diz
nos borbotes da raiz
do plástico da bóia

o quanto a luz do destroyer
se evola e se refaz
entre as coxas da que a saia
se desgarra

nas pinças do alcatruz
Mimoso o verão desamima
a maminha do miminho
e a coisinha do menino

E a gaivota se retoca
encolhe o pio e a tacha
caça a migalha escassa
resto do forrobodó
do repipi da menina
e da lata da sardinha

Horóscopo

Ao prof. Barnard
demiurgo do transplante
demiurgiu passar-me o coração
prá cova da mão

Cose-me as veias decepadas
às linhas do destino
donde ressumbra
curto-circuito
só previvível
se o prof. Transplante
fosse cabalmente totalurgo

Petiscos

Engoliram tudo vivo
desde sapo a elefante
depois das borboletas e canários

Com aigrettes de apoteose provisória
os críticos limpam o prémio do banquete
deglutindo vivos dinossauros

Privatização

O céu apropria-se do Sol
(assim parece)
- núpcia de fúria glauca parda
consagração a nível celeste
da propriedade privada

Rimance do Poder a Coroa

PROPOSIÇÃO

Se houver de haver um Rei
que o seja D. Gonçalo
que tem bandulho e badalo
pedalada e pontapé

já furou a barricada
a noventa raparigas
mandou a malva às urtigas
falou de papo às araras

Volta

Que o seja D. Gonçalo
na Grande-Volta-Daqui
fomos tantos a dopá-lo
e não chegou ao chichi

foi por toda a sua equipa
completamente apoiado
à TV dá entrevista:
"ora aquilo é tudo gado"

na subida da montanha
alça vela D. Gonçalo
o vento dá-lhe de rabo
é D. Gonçalo quem ganha

chegado á ponta final
abre caminho a estalo
o camisola amarela
é agora D. Gonçalo

Caça

Indo à caça não se encolhe
leva o jipe e a G-3
mata pinto e codorniz
baleia galinha e galo

vence a lebre a canivete
leva à bomba o javali
desmaia pelo pivete
do texugo e do ouriço

ao porco aferra o toutiço
a laço apanha o vitelo
faz o cabrito em chouriço
ao boi vai a trespassá-lo

Descida/subida

E é naquele intervalo
da maré morta prá viva
que lhe dá o badagaio
e arrebenta a bexiga

mas não há nada que valha
como ser-se D. Gonçalo
a tripa safa a agulha
coração a manguial

assim com olhos de vida
vê externo e vê interno
desce ao negro do inferno
sobe à clareza do céu

Corrida

Foi por terrenos de dentro
como se fossem de fora
passa a capa ao peão de brega
dá de costas vai-se embora

salta a barreira elegante
a afiar o estoque
entra o cavalo na arena
traz D. Gonçalo a reboque

cita com voz de trovão
que a possui D. Gonçalo
em vez de matar o toiro
mete a espada no cavalo

chega-se ao Inteligente
corta-lhe as duas orelhas
corta-lhe a coisa da frente
juntamente co'as ideias

dá a volta ao redondel
cada órgão em sua mão
prá direita é ovação
prás orelhas sentimento

toca a música na praça
atroia a praça a trompete
obedecendo aos espasmos
da dor do Inteligente

toca ainda mais depressa
D. Gonçalo é um moinho
à volta à volta da praça
junta clamor's do povinho

e quase içado se vê
ao Trono levado ao colo
se houver de haver um Rei
que o seja D. Gonçalo

Araras

Araras o rodearam
pra repartir o pudim
porque qu'ria tudo assim
araras o pressionaram

mostram ter grande potência
entre a Finança e a Tropa
a Igreja (em confiança)
e a Candonga da Droga

era da polícia a nata
a guarda municipal
a artilharia de sapa
e a bomba napalm

os almirantes de cima
os comandantes de baixo
generais com disciplina
e brigadeiros a tacho

era a multinacional
de retorta pró petróleo
retorna de cabedal
e nativo que tem olho

sindicatos à deriva
outros fiéis de raiz
uns concordes ao poder
outros torcem-lhe o nariz

os int'lectuais propendem
sem mostrar identidade
cibernética os entenda
mai-la universidade

todos com cor's da arara
qualquer cor não lhes faltava
cor de coiro cor da fava
e qualquer cor se mudara

prometiam procriar
ou matar sendo preciso
engatar o indeciso
ou o povo esbandalhar

Aceitação

"Aceito, aceito" bradou
D. Gonçalo dando arrotos
medindo a sinceridade
os negócios e os jogos

" não se alambazem - é cedo! -
entre vós escolherei
o povinho já é Meu
canta-Me o povo no papo

venci-o Meu handicap
só Me falta o futebol
se no desafio escapo
toda a prova Me aprova

que ser o Rei deste povo
pequena coisa não é
o povo quer conferir
de seu Rei o Pontapé

e tem todo tal direito
dá-lhe a vontade no cerne
é pontapé de preceito
instrumento de governo"

Regras

"Vós todos que desejais
servir sob o Meu Poder
e que Comigo jurais
triunfar ou perecer

provai-Me a fidelidade
na prova do futebol
quem colabora é leal
abstém-se quem não Mo for

e assim fica marcado
para sua vida toda
não será Meu quem Me falha
será dos Meus quem Me ajuda"

Patinagem

Patinam de pista em pista
arara opõe-se a arara
cada qual é mais quem dera
associam-se à conquista

fazem jogos envolventes
em torno de D. Gonçalo
a neurónios e a dentes
quem mais vai influenciá-lo

já são em guerrilha intensa
há morte em cada mesnada
dá o zelo pró interesse
de solução não há nada

Deglutição

Vendo à roda tanto abalo
e aproveitando o barulho
ganha-os pra si D. Gonçalo
mete todos no bandulho

toca o sino toca o sino
agita bem o badalo
de os saber reunir
presta prova D. Gonçalo

estendem-lhe cem projectos
cada grupo dá seu rolo
"Senhores partam quietos
Eu vos direi qual apuro

mas não sem aquele estudo
sobre qual mais Me convém
Minha memória retém
o valor de cada um"

vénias de pé e de rojo
recuam à periferia
em silêncio saem todos
sujeitos a que magia?

Estudo

D. Gonçalo por três noites
vela sobre os documentos
e foi um dá-lhe que dá-lhe
dá-Se aos cem como a trezentos

é na quinta madrugada
quando já cantava o galo
que sintetiza num nada
em síntese à D. Gonçalo

Síntese

"Que vós sois duzentos mil
verifico por meu gáudio
muito além do requerido
para lotar o estádio

sendo assim não é preciso
que Eu jogue o desafio
com deslize ou sem deslize
testemunho vos confio:

deveis todos assinar
com vosso senso objectivo
esta Acta que contém
o que no estádio foi visto"

ACTA

O nosso Rei D. Gonçalo
na prova do futebol
à defesa e ao ataque
provou não haver melhor.

Logística

Chutou de longe à baliza
do seu campo pró contrário,
goleou de qualquer lado
- ponta-de-lança dum raio!

em corners e penalties
na dribleagem e na finta,
fez tabela no Juiz,
deu golos como quem brinca.

E D. Gonçalo rabeia,
salta e corre, chuta e dá
como rabo de baleia,
tornado de Jeová!

Terror

Mata quatro com o susto
que de avançar provoca;
o guarda-redes se incrusta
na rede que fica torta

ante o speed manifesto
como dantes não se viu.
Será fúria nuclear?
Será Deus que ressurgiu?

Resultado

Neste superior desvelo
resultado não releva,
mas -  sempre bom diz-lo -
foram dezassete a zero

e todos os dezassete
metidos por D. Gonçalo.
A assistência não acerta
no modo de ovacion-lo,

nem do enigma lhe ocorre
qual é a melhor resposta:
se vem da cadeia atômica
ou se é em Deus que Ele aposta.

Dúvida

Fica a dúvida no ar
acabado o desafio;
ninguém bole do lugar,
vara-nos um calafrio...

D. Gonçalo frente ao sul
de pé no ponto central,
é o bronze do Herói,
o Homem Essencial.

Zunido e bola

Ouve-se então um zunido
ninguém sabe donde vem,
se do magma infernal
se do Céu, se é mal ou bem.

E vemos descer do sol
bola (de poeira estelar?)
em suspenso e bemol
e modos a decifrar;

frequência nunca ouvida,
não sabemos se a ouvimos,
se em vísceras foi percebida,
se nos ossos reflectida.

Ao mesmo tempo da bola
se esgarçavam os contornos,
um núcleo de oiro e prata
reverte prós nossos olhos,

vem a nossa comparência,
o estádio é o alvo.
Mostra mais concretamente
procurar a D. Gonçalo,

Faísca

que do próprio corpo expele
como que uma faísca,
ora vagueia, ora enrija
e sobe ao que vem descendo.

Voz

Soa a voz suave e forte,
abissal, entorpecente,
(não sabemos se era voz
se algo directo à gente,

ao nosso imo interior).
Seria som do Senhor?
Sua Fala? Sua Ideia?
Se a verte, logo incendeia,

porém tão destruidora
como cem bombas atômicas.
Depois Dela, quem discorda?
E quem pluraliza as ópticas?

Disse:

Crítica

"Anda aí o poder
tão falho de fundamento,
que ninguém sabe que ter
pressupõe o dividendo.

A vontade popular
não justifica o Poder,
não garante ao Governar
o mínimo fundamento,

não concede ao Comandante
o direito de atirar
nem um tiro de bazuca
quanto mais mísseis Z-7 !

Nenhum poder decorrente
legítima que se ordene
ao contribuinte que pague
pr'além do que tinha em mente.

Exaltação

Legítimo é o Poder
que vem de Deus e recai
sobre Alguém que o Próprio Deus
escolheu Pessoalmente.

Porém esta lucidez
imaneante mesma ao Ser,
recusam-na os homens de hoje
que exigem ver para crer.

Eis porque vim. Eu desci
da Minha Glória pra verdes,
com esses vossos que a terra
comerá,

Investidura

que conferi

O Poder a D. Gonçalo,
entre todos O escolhi.
Vede, vede que O faço,
e depois testemunhai

que O fiz. E doravante
obedecei! D. Gonçalo
tem o único Poder
Legítimo, O que é dado

ao Governante por Deus
em Acto material
(que ora decorre) e que os vossos,
que a terra há-de comer,

viram!”

Subida

... Logo à Sua roda
se recongrega a poalha
e sobe, sobe e atroa
como tuba de galáxia.

CONCLUSÃO

Depois de tanto trabalho
e pra que a lei seja Lei
que O seja D. Gonçalo
se houver de haver um Rei

INTIMAÇÃO

*Refugio-me junto ao Senhor da aurora contra
as criaturas que assopram sobre nós.*

Maomé

Zelo

Zelo com mesquinho cuidado

superviso humildemente
pontos de encontro e cruzamento
de palhas abandonadas dispersas
peças de marca *já* inexistente
e função ignorada
por qualquer vivente

zelo o sumir da água
os pêlos residuais após barbear-me

a entrada a saída dos murganhos
dos governos das mulheres
filhas sócias concubinas
de figuras de proa,
distingo
as que investem nas crises
para esplendor de seus cosméticos
suas formas e consolo
seu dom de gerar consoadas felizes
em qualquer meia-noite de verão

zelo no comboio o alicate-
-estalo do revisor
o meu pequenino passe
plastificado vertido no instante

o receituário medicinal
escuto seus efeitos e ruído
que zelando corrijo
minuto a minuto

zelo a espasmódica
sombra do vizinho o cobrador
do Raio-Azul Sport Club
pendurada nas quotas dos seus ao todo
dezassete velhos sócios zelosos

zelo a chaga em tua cútis, a altiva,
que te corrói meio milímetro por ano

zelo alguns corpos profano
almas em cada gesto
de seu joelho seu calcanhar
seus dedos no fecho éclair
(zelo ansioso o onde
o quando)

zelo o cesto
a cinta a água conjuntural
nos vaus do meu beco identifico
burgaus hirsutos formações de areia

Zelo, perdi a sabedoria
de inspirar fundo e gritar
O zelo me divide
antes que acabe

Who Is Who?

Fui o gato entrado por
desfastio em sege real e miei
contra o recto da Rainha
sendo expulso do coxim pla
mão calçada d'El-Rei
o próprio Senhor D. João V

Ressuscitei petroleiro prás
revoltas da estiva do paxá de
Istambul
e fui levado à deriva
por paul e por paiol
às gáveas de Liverpool

Cansado de tanto mar
e agressivo rocio refastelo-
me aqui
onde medito se sou;
ou se apenas me transferi do
gato que em sege miou

Copyright

És Celine de teu nome completo:
o código passa a objecto

Açórica 32

Nasci no limite das casas
entre mar e matagal.
Brinca vento na espuma,
no ar em pirraça as asas
de cirro à nuvem grisalha.

Nasci eu? Fui quem nasceu?
Sou? Brinquei? Sinto. Senti?
Em que fumo glauco me abismo?
No vulcão do imo cismo
desfoquei-me, nasci

ou derreti-me no seio
do magma em que se funde
o possível de pensar?
Medo? Terno é o fastio
dessa brisa, desse mar.

De milénios ilha impante
geme treme. Ronda infinda
maré a maré, as escunas
do que nos rói e destrói
nos arrepanha e cogita.

Enfim, do brumoso estar
e do precário em que hás-de,
dita os prós da minha idade
entre as casas da cidade
e a componente do mar.

Continente, Junho 1981

Nada sou do que quis. Assim me quero
se é querer o osso que me foi
atirado; se crer no todo influi
desta paisagem desenhada em série.

Assim ou o contrário? Pondere-o
não eu mas quem o ponderar obriga
com metodologias de formiga
e trompas lautas de soar aéreo.

Tal como sou, assim me fui compondo
no desastre e engaste, na fateixa
manual do rapa tira pão e deixa,
eu de mim meu anzol e meu biombo.

Nem outro não ser dói ou me corrói.
Igual aos dois: herói/anti-herói.

Seixos / Enleios

ao João Cutileiro

Em Mateus como garça despenteada
estavas, chovia na eira não chovia no prado
o lago com líquen de lago
era cama da adolescente que, de cama
colchões morféticos, intuía ser água
com líquenes o tecnicamente ajustado
às precisões de corpo deitado

pois quanto se desdobre
(o corpo sabe)
o líquen não brinca
estar é no pátio
à cabeceira tachos de cobre
para o apetite que venha
da verticalidade

Oh se fora primavera
ou (melhor) estação
talvez inexistente
na correnteza do Tigre
em Bagdad, por ali alguém,
onde corpos se formem peça a peça

distintas matérias atemporais
convergentes para centro do dentro
ritmo da inspiração de deus
e a expiração contígua
- trilo por que anseia
a humana sequência erótica
cinética de molécula a cadeia

A mão espalmada da pedra de cabeleira
flecte-se em gadanho
aperta-me a carótida
o sangue vai nos demais veios
ao interior do cérebro,

onde se esparsa o mundo
de seixos/enleios

e dele tanto falas amor
sem saber como falas
(em falas e dialecto)
insciente do poder
que em ti recua e actua
de instaurar no concreto
a aspiração própria tua

Coroa-te de cachos e rocha viva
insufla borboletas
nas minhas barbas de basalto
e quando no espelho do céu
de qualquer lago qualquer prado,
se saiba que as pedras soam
tal como acima fica provado

Natal

P^rimeiro foi o *al*;
o *nat* veio depois
- falsário a passo de sáurio
que o seguimento das sílabas
jamais jogou arbitrário.

Fomos depressa à chaminé
trocar sapato por chapéu
(o universo via-se inverso).
O Pai Natal procedeu
traidor ao imaginário
(igual a nós e ao que é)
e não subiu nem desceu.

Afinal nem *al* nem *nat*!
A mãe da Teté surpresa
disse o grande disparate da
quadra
(dos de não dizer à mesa),
tal na cozinha a criada
se lhe apalpamos a nádega.

Éramos crianças e a crença
era de ver e ter; fomos roubadas
como plo lobo da estepe.
Ser criança é a esperança
tornada coisa brincável.
Além no canto o presepe

decerto mais respeitável.
Tácitos convimos pois
não o ver e não olhá-lo,
preferimos dali nada esperar
com medo
de sofrer também plo outro lado.

Continente, Junho 1981

*What life have you if you have not life
together?*

T. S. Eliot

Corcel anafado
no chão do planeta
(se salta empata
se pára enreda)

sais do mormaço
sais da peneira?
Quem te joeira
tanto cansaço?

De quem a quilha
te cortará
se a brisa é relha
a água é chã

e se o esquema
ou já não vai
ou cai no tema
do cai-não-cai?

Chamas de testo
o boi que mói
o feto/incesto
da tua avó?

Muda o artelho,
corcel. Perguntas
é quanto juntas
dentro do pêlo

Topa o caminho
sobe ao penedo
ouve o destino
de manhã cedo

Escuta o hino
do sol que sobe
Nasce o menino
(ai não se afogue)

Mundo é cristal
que vibra e dança
Rejeitas cristal?
Vive de esperança

Casas

Oh as casas as casas as casas.

Ruy Belo

Se bem for a construção civil
num país tudo vai bem
a mão-de-obra dispensa exigência
doutorado preto branco analfabeto
servem à maravilha.
Não há mão de sector mais clemente
daí a glória em que devíamos
tê-lo após a descolonização:
tantos e tantos alçados nos andaimes

ponta do final colonialista
a primorosa reescravatura
ao longo da superfície à vista
da imensa habitação futura

Porém
tijolos ao viés
parafusos macios dão de si
quadrilátero em forma de empada
a banca sonega e tranca
o investidor foge ao despiste
arquitectos caretos

servis ao gaioleiro
(os outros fazem projectos
mas não os vêem erectos)
e de terrenos, conquanto
todos feridos
pelos ferros da égua insuspeita
de D. Afonso Henriques,
não falemos nem de esgoto
jardins igreja coreto
tudo isto e tudo o mais
que ao habitante respeita

"Oh as casas as casas as casas"
que não se fazem

Pisas o campo viável
andas à procura de casa
cais nos buracos do chão
bates no buldozer parado
na betoneira sem betão
resvalas nas valas do lusco-fusco
tens as virilhas maceradas
de tanto percorrer,
da cabeça ao calcanhar
és toda hematoma pois
andas à procura de casa

Nem que dês tudo o que tens
até a parte da comida
vais de balde, meu amor;
de baldes-de-água-fria
é tua vida cada dia pois
andas à procura de casa

"Oh as casas as casas as casas"
faltam no país pra mulheres
trisavôs e crianças pra cima
de novecentos milhares

e eu queria, meu amor, estar contigo
na tua casa, a que tens direito,
violentar-te no teu próprio leito,
namorar-te sob o teu postigo

que amor, seja o que for,
sem casa é sempre pior

3 Sonetos Contíguos Contigo

1.

Oferto amor em ti a madrugada,
fresco no rosto, sol raso ascendente,
o óleo do meu carro, o acidente,
rútilos diamantes na calçada.

Contestas a brigada, o acto e o facto
da polícia, em retrato e em estudo
- lúcida prega em pano de veludo
que amolece as arestas do exacto.

És a medida e o halo em que se tece
a réplica do som, luz do segredo,
coeficiente de nadas e enredo
desta farsa que em clowns se fenece.

És o oiro do leste. E és satélite
em projecto, a rondar-me no meu zénite.

2.

Tenteio o que me és. És pois tenteio
de tentador tentado. Aceito e sou
grão de mostarda, élan, peito de grou,
do nosso líquido caudal e veio.

Assim te expões por nós a esta lâmina
de sendo não me ser; ou ser no lado
em que o ser-me é hálito inalado
por um geyser qualquer de fumo e lama.

Em trapézio meu músculo te marco
efeito de amor. Mas quero mais:
o nevoeiro, a teoria de ais
e de sinais que dás, com que te abarco.

Assim vai o que é, o que nos punge.
E tu aqui por mim se não és longe.

3.

Total blow up. Tumulto do ocaso.
Bum! as circunvoluções, bum! O motor
as molas e o engaste. O transistor
funciona sozinho na catástrofe,

mina sentido e fim, é pasto e astro.
Voluntário atraindo, colhe os pedaços
do sentir, do querer, dos estilhaços,
classifica-os e faz-lhes o cadastro.

- Fala computador fala! Nem geme.
Grito, saltam meus lábios da ruína
e apanho pelo ar a tua sina.
A minha vai sem tino e sem ter leme.

Nem memória nos fica, nem orgasmo.
Onda perfume cor rosácea. Rasto.

Recado da Infância Para Cesário Verde

Ainda não havia taparoeres,
íamos ao encanto do campo,
havia guerra, a gasolina em frascos
da pharmácia, o gasogénio emperrava,
o melhor era ainda o charabã

Mais feliz do que nós te vemos, Cesário,
nos versos de camurça apetitosa:
úbere abundante a natureza
transbordava em fartura dos cachos
de uva, tudo em cacho

a correr-te em caudal
pelos ombros; e as cores
cromos categóricos como adjectivos;
a torrente da fecúndia
arrastou-te e nadaste

na métrica de rima natural
e sagaz como folhos de repolhos
Era também abundante a peste
mas na cidade e estavas tu no campo
refastelado na reserva ecológica

Ora os taparoeres faziam muita falta
que, existindo, os chicharros
- comida obtida para o pic-nic -
não teriam azedado no cesto de vime
sob o banco do charabã

e o pic-nic foi lamentadamente ao ar:
a tia provou, o pai cheirou, mandou
deitar fora, a mãe deitou.
Por ali não havia nada (apenas pró cavalo
que pastava) amoras ou pomar para roubar

Perito nos prazeres saudáveis
dirás que o cesto fora mal fornido. Ora!...
Estava a ilha sob tropa de fora
que tudo comia, prós nativos o que ficava?,
vimos a ilha sinistramente violada

Operação inútil a pretexto (prá tropa
se autojustificar) de ponderoso
motivo geo-estratégico-soberano.
Os soldados devoravam os produtos
de terra e mar, as vacas aterradas

por tal ferocidade ao serem comidas
evitavam engordar pra escapar
(mas nem assim); a ilha ficou tomada
de caca, tanta que espapaçada escorria
para fora da ilha e inundava o mar

Não falando de nos vermos vedada
a tua liberdade perante a natureza
e o teu devoto nela acreditar;
não referindo a inutilidade
insolúvel da instituição militar

nem a arrogância geral e pontual
daquela tropa; embora negativa
a experiência foi pedagógica, corrida
quando são frutíferas, entre infância
e juventude. Que hoje por cá tudo continua:

a tropa, a caca alastra, as novidades
mirradas e escassas, o campo mal aflora
ratado por dentuças cruéis.
Gloriosos existem os taparoeres
mas pouco há pra lhes deitar nos interiores

Na poesia, hipócrita seria
forrá-la de camurça macia:
a verdade traída pela forma.
Que honesto poeta a versaria em tuas galas,
na abundância natural da rima sem mágoas?

Rábula Fábula

Espreita o rato do rés
da raiz inerte
do dia em que te escapas.
E as folhas
por este bulício
tombam no focinho
do gato cuja pata
muda incomodada
de solo a solo à cata
do paraíso/chão/cota/ideal
de clara calma de folharada,
sequente o passo sonso
a lesto passo.
E a maravilha encontra
(encontrará?)
no esconso
entre a begónia e o cacto
na hora em que rara lhe dá
a sombra do loendro.
A bigode testa
o esconso, dorso
em calote, cauda em esse.

Hesita lento e, enfim !,
o esconso adopta.

Vejo ao natural esta
fábula rigorosa, pois
te escapaste (não pergunto para onde)
nem se estás bem (estarás?)
Eu por cá vou melhor, tenho
trinta pontos de transe repartidos
por gente, bichanos, tocas de vida,
projectos de amor em fase de esperança
adiantada, com fauna e flora ao meu dispor,
amor

Maria

A ti que me és tanto
quantas as faces do caleidoscópio
me dou decente e comedido

neste secreto que tenho contigo
no insuspeito de que me acalentas
no teu cúmplice colo
no teu porto-corpo a que me abrigo

A Sua Santidade o Papa João Paulo II

(no Seu Atentado repelente)

Porque és falível
nos interesses corpóreos?
Deles não te salvas
e propões salvar alheios

Em Reagan foi o coração
almejado e conseguido salvo
três polegadas para baixo
(as balas descaem
por erro molecular
na fábrica de projecteis)
Mas para Ti Santidade,
Leader d'almas, Senhor
d'empórios pr'além do 'spiritual,
a mira foi o cólon! E aí falhou
sendo adiante eleita
a tripa e nem sequer a mão direita
(bem mais nobre e pragmática pois abençoa)
e a omoplata
esconderijo sem função sacral
rafeiro refúgio do reumatismo
do homem sem nome nem jeira

E possuis órgãos dignificantes
quem T'os nega?
que implicas no perene
Poder Teu desferindo
nos pobres com quem corporalmente
Te enleias a super-razão
imparticipada escalante obediente
do branco de criolina
e aguarela que do jipe contamina
cores expandidas do umbigo
neste raso universo nosso
Teu confronto
Teu ponto
Teu apetite

Eis os tratos do Papa
em nossos dias
se vive entre ovelhas
atiram-Lhe à tripa
se às ovelhas Se distância
questionam a pertinência evangélica

Logo perdoa Karol Wojtyla
a Mehemet Ali Agca
e o encomenda
ao perdão celeste
Atraído como pássaro
pelo cintilar dos cromados
de carro que vara o deserto,
assim o foi por Ti:
lá vai, busca, pica
(e ei-lo agarrado
na grelha da frente)

Armadilha da Tua teoria de alvuras
do solidéu ao sapato
brancas alvadias
alvor de alvaiade
alvo (cândido?) Teu intuito
alva pomba Te sobrevoa
(espírito santo? paz?)
alva túnica de pregas alvações
Alvo - de étimo branco -
alvo foste pois de alva
é Tua natureza e imaculado
o que dela empolas projectas

Entre nuvens de cinza
gases aéreos de sombrio pez
o nosso descontentamento de homem
reduzido tétrico aspirante
à Grande Justiça, a quotidiana,
formiga cilindrada pela ignorada
super-superstrutura. Existe
mas quem é? Onde? O quê?
A que finalidade sacrifica?
Que mundividência submete?
Que pardacentos responsáveis sujeita
que lhe são o braço?
Que espaço não cativa?
Que armas dispõe no solo dos homens,
as verdes áleas esmaecem
e ervam a água
que nem céu espelha?

O homem irrepitível
busca o responsável real
deste real abjecto
sem alternativa além
de sonho esperança promessa
E vê-Te olímpico és Sumo
da Autoridade, a terra beijas e pisas
alvorejas nos demais mandantes
cintilas alto alvo,

e pumba!

Que o destino Te não seja
condição de alvo de serviço
Requer pois o julgamento do Papa
angústia por testemunha
frustração/carência por desespero
razão por apelo,
a estabelecer a relação
do que tanta alvura dá
a tanta alvura devida
ao homem irrepitível capital
no mínimo real
da vida

25.5.81

Quando os gestos eram
redes e os barcos alabastros
e as tempestades torpedos
que nos chutaram prós astros

e a argila ressequia
o melhor dos cosmonautas
que se metiam nas pautas
do que ficava e seguia

e a noite titubeava
aglomerada a teus pés
casa a casa no xadrez
que de ter o ser agrava

era o único nós dois
fomos múltiplo depois

Fagia

C hamei-te louva-a-deus
chamaste-me beija-flor;
a entranha fiz-te proficua
subtil a papila
no abstracto

Fui devorado (e prossigo)
no pescoço, tornozelo
olfacto,
até à chaga do mamilo
esquerdo

Palavra

*En las letras de rosa está la rosa
Y todo el Nilo en la palabra Nilo.*

Jorge Luis Borges

Em 1948 num eléctrico de Coimbra
achei a palavra
logo anotada
no verso do bilhete
- palavra/coroamento
de situação vital
em poesia sem a palavra,
deixei-lhe pois em branco
espaço no papel.

No eléctrico a possuí
escrita naquele verso;
chegado ao quarto senti
que o bilhete perdera;
fui à memória em busca da palavra,
se cabia no bilhete
de sobejo em memória coubera.
Não encontrei
e não me ralei e pensei:
"em próximo dia a terei".
Guardei o poema no guarda-fato
o espaço vago
da palavra perdida.

Mudei de vida
evitei ser preso pela Pide
dei-me com pasmo e entusiasmo
aos avatares da vida;
amei, equiparei o teatro
a meu veio estrutural;
trilei na poesia
entre amigos
inimigos também,
tive cinco filhos
entrei prós quadros da
Fundação Calouste Gulbenkian.

Em 1966, voltado do Iraque,
na papelada da escrivania
o poema encontrei,
o espaço da palavra
respeitadoramente guardado.
Rasguei o papel irritado
(de que servia
com lacuna de palavra?)
No outro dia acordei
tinha na boca o poema
sabido na tal memória
inútil à palavra perdida.

33 anos distante
sou na palavra obsessivo,
afinal por todo o tempo
nada fiz de positivo
além de a procurar.

Fruste angústia onde vivo
anos e anos sem saber a tive
repleto da falta da palavra
- única exacta objectiva!

E sinto agora o imperativo
de imprimir o poema - aí o passo
ao leitor de poesia
(clínico meu neste caso
o que muito lhe agradeço) -
na versão tal e qual
o retenho e me trilha,
mantendo o branco expectativo
da trágica palavra perdida:

*passsei-te a pente fino
em toda a prata de nós
até à fimbria da galocha;
passsei-me a fino pente
até ao veio da noz
que nós fecha e nos contém;
um trato nos arrocha,
a lúcida relação
- a pente detectada -
entre o roxo em que me pões
o arrocho em que te acho.
Resolução? Nem pitada:
ou fico*

*e
aguento; ou então já não és
nada,
nem passado a fino pente
nem a pente fino passada.*

*... porque aquel ángel fieramente humano
no crea mi dolor, y así es mi fruto
llorar sin premio y suspirar en vano.*

Luis de Góngora

Se vens de coifa e timbre de sestro

não me surpreendes. Reservo
o que tomes do estro
de estar sendo. Se dizes
as palavras falsária couve
palimpsesto computador, houve
a síntese de ti, o fadário ancestral

- horizontal permanecer
que o tacto reflecte
o sonho converte
o viver assenta acalenta
perverte

Menos se nada disseres. E fores
em teu canto santo e piano
de silêncio longo exangue, espanto
calado reflexivo
na vida assumida
ou na farândola da esquiva

Menos menos ainda, amor,
definir é do eclesial
e tens por rigor frontal
a exacta incontida resposta
ao que o mediato vem propor,
aquém da regra e da aposta
o que se gosta e se não gosta

Res, Rerum

O mistério das cousas?

Alberto Caeiro

Iniciava o grande poema
quando a esferográfica empana.
(Formo a saudade pena de pato
atestado o tinteiro
de conspícua sépia). Ora bolas
prás esferográficas!

Entro por esferográfica no supermercado.
Verifico: espaço iluminado
vazio de gente cheio de nada
salvo angústias resistentes ao aspirador
nos ângulos dos cantos.
E não preveniram!

Desfiro
olhares seriados ao nível dos cartazes
busco mensagem explícita como
"abandono por impossível transcendental"
"avaria generalizada" "carência superlativa"
Nada, do néon escorre a torrente de kilowates
sobre o nulo dos decibéis;

o circuito TV trabalha (sintoma, o piloto)
opera ("sorria está a ser filmada")
Opera para quê? Para que modelo? Que divino
olhar me supervisa?

No balcão do talho a carne
da rapariga de sorriso em riste,
a do cartaz SALSICHAS PODALÍRIO.
"O mistério das cousas?" Oh o mistério
da falta de coisas no universo
pró coisas! Acaso
me deslumbro coisista
no plaino de tal coisíssima nenhuma?

Avanço enérgico a caminho
de qual sofisma?

O sentimento
da minha presença intervalar
no tempo, entre marcos miliários,
eu sem o objectivo portátil
a esferográfica.

Bolas, sou volitivo:
"quero o destino a levar-me
até ao que haja!" Interrogo-me:
"Eu coisifico? Tu reificas?"

Ocorre súbita salvação, a porta
de saída: obrigatória, pois entrara.
Porta nem dissimulada,
ali pois era lugar de ficar!
Supermercado de efeito trocado,
por definição o onde
se compra e sai levando

ali me oferecem (por brinde?)
- a pretexto de esferográfica! -
a insolução circunstância/metafísica
na física luz/espço
contra o ser e a lógica
do absoluto e do sistema!

Assim seria se não fosse
o sorriso podalírico na carne
da rapariga/salsicha vitalizada:
apeia-se do cartaz, corre no balcão,
entrega-se nua
sob chuva intencional de lúbrica mostarda.

Bolas prá esferográfica! Afinal detesto
literatura, mercadoria e todo o resto.

DIVERSOS

1948/1985

A água do rio espelhou o teu rosto
e os teus seios, minha amada,
Quando te debruçaste para beber
à sombra dos salgueiros

Na foz do rio espero eternamente
que as águas me tragam consigo
a tua imagem

Açores, 1948

Amor, Morte e Mar

I

Se a jornada entre cardos nos
espera, há o fim, fluído e
inconsistente.

Desesperar é o regresso.

Confiemos que o sol se mude em sombra
e imprecisas,
as coisas voltem
à misturada libertação do negrume.

Os olhos serão inúteis.

II

Calma, no desespero mesmo.

Escuta os rios
e sobretudo sente-os.
Ganhem sentido os teus passos.
A vida é longa?
- Deixá-la,
entretanto temos beijos e mãos.
Um dia será total,
depois da espuma,
depois de voarmos entre o ar e as pedras,
entre os peixes.

Sorri, amor.
Nada está perdido.

III

Um dia será mar
e seremos azuis.

Nossos faróis serão olhos dos peixes.
Nossas companheiras, algas,
nosso leito, pedras,
nosso licor, sal,
nossa esperança, a tempestade,
nossa casa, o infinito,
nossos campos de pão, anacaradas conchas,
nosso inverno, gelo à superfície,
nosso afago, a solidão,
nossas grades, as memórias
e o Universo será apenas nós.

Pela última vez, amor,
empalidece agora a cristalina água
com teu corpo.

IV

Nascente do amor - sorriso agreste.
Onde de olhar, esperança azul ardente,
E bem no fundo, mágoa. Assim se sente
Firme sinal de que o amor se veste.

Ao cabo há sempre a sombra dum cipreste.
Então a terra é viva e a seiva é quente.
Recorda um búzio uma canção dolente...
Por cima, praia... a maresia investe...

Eterna duração do amor sem mágoas...
Há um sorrir no marulhar das águas...
Nascem algas dos beijos que te der.

Sejamos pedras - e algas entre nós!
Mar, túmulo azul! E a nossa voz
Cante-a um búzio a quem nos entender.

Lisboa, 20.10.51

Retrato Oficial

Mítico oficial e verosímil

desnudo espacejado vão concreto
rasgado em três aberto em desconcerto
crepuscular suposto e inconsútil

carnação macerada de bordéis
(por cima o paraíso vigilante)
tentáculos de noiva ou lavagante
saliva débil de prazeres senis

um atroar de vulto impenitente
um despejo esquisito atroz falaz
um arranhar de crosta ou de guindaste

mas uma dignidade de jaez
coberta de damasco sem contraste
réptil dualidade prepotente

Fevereiro 1970

Epitáfio ao Poeta 2

Escutou música nas latrinas
exalação de populaça
o verbo ergueu
por desfastio
do cativo de ser

Imponderável de consciente
via a podridão das asas
verificava utilizando névoas
transformava em tacto os olhos dos leões
cruzava o infinito nas dobras do leito
ascendia descendo ao centro do mundo

Não sabia salvar-
se Morreu

Não descansa em paz

Fevereiro 1970

T_{ransitário}

transitório
- verdade

Eternidade
somatório
vezes infinito
de transitório
mais transitório
por transitário

Em que ninho da noite e do
doer espaço material concreto
tu só de mim?

Que rasto
prolongas ou castro
depões no ermo casto
em que me vergo?

Súbito o frenético
passarinho trila e zarpa
zoa a esquadrilha de
zangãos a flora emerge
aberta
nos vernizes de laca
a clorofila espalmada clara
por tufos e matizes

Tu com a madrugada
no frémito das sensitivas
no roçar ingénito das palmas

C onheces a disciplina dos arcos
as arcadas do peito confluentes
as ogivas fibrosas dos braços
a rija disciplina crucial
que te é nada
pois em ti nada
de nada
em disciplina
tu sentes

Revolução
é revolver
até ao são
e à verdade
o linear
de ser
ou sim
ou não

Confissão Enviada do Inferno Contra o Teu Ser de Luz, o Teu Perfil de Treva

Nem todos os companheiros
tiveram por miasma
o brilho da tua auréola de sol;
nem todos se perderam na infinidade
alcançando na sombra
o delírio da libertação
- libertação do corpo
libertação do ser
libertação do corpo e do ser -
neste milagre candente do fogo
libertado da matéria,
rosário de libertações
que tu meu amor
trazes pendularmente sobre os seios.
Da treva infernal saúdo a aspiração da tua luz
mais do que visão
imagem contorno
a Luz ela-própria
núcleo originário e essencial de luz
movimento golfante e infinito
até onde se ergue o limiar-clivagem
do início da treva.

Aqui, desesperado, fui serpente
e grito
e amordacei-me no borbotão das chamas
e este corpo incinerado e corroído
vogou nos trâmites do cadafalso
nos trémitos do abandono.
Tridentes cibernéticos me vararam os mamilos
em purgas de sangue e de neblina
e de mim os caudais da substância opaca
cortaram na treva um rio de treva.
Espadas cibernéticas alevantadas
pendentes dos céus
me fenderam em dois;
em cada parte minha
o terror e o sofrimento foi dobrado
em progressão geométrica irreversível
até ao final dos finais das sombras.
E a voz transbordante crepitava
possuída
pelas pontas de fogo.
Daqui do inferno objectivo
te saúdo e deliro
na pré-figuração da tua luz.

14.12.74

Metodologia Criativa

V_{er}
olhar
sintetizar
assumir
criticar
imaginar
realizar
comunicar
transformar
destruir

CRIAR!

25.12.74

Soneto Shakespeareano Contra o Inconsciente Revolucionário

Desdémona pifou, Otelo, rói
sabugo e unhas, põe nos seios escoras,
mede forças e erros, conta as horas
passadas desde o antes pró depois.

Despasse de aço e azougue próprio a mola
da indignação contínua, e continue;
continuará no cerne, suco e óleo
das vísceras, do sangue e da coluna.

Pifada, flipada, ainda soa
e abala o onde soa, o onde estala;
racha e esgrime, assola, grita; e a fala
orificia côncavos de pua.

Quedou a esperança estática e una
- o luxo da esperança amarga e nua.

Cascais, 18.02.79

Desfloro-te em cada pétala
em cada circuncisão
sanguinária
do que temos nas mãos
o refluir nos tutanos
cativa, alicia e seduz

Altiva fronte da virgem
ergueste nas tuas montanhas
Diluo-me na cárie das manhas
das mãos
dos mamilos
das papilas
e dos puz
Reentro na glória
dessas veias que me estendes
dos olhos que me devassas
- último concreto laço
que vai de centro que és
ao global do nosso abraço

O vinho entre nós é neutral
que o seja como a serpente
que embaraça o teu cabelo
na redondez dessas coxas
o sacraliza o que fez
na solidão do que és
na sujeição do que sou
Altiva frente cativa
esquivo dom do que tens
no espaço de reféns
que ne tens,
em que estou.

10.12.79

Ode Funcional

Tenho o rio aqui defronte
e os braços no acesso
da serra e do mar.
Da água que corre, em que águas
as mãos irei mergulhar?

Lúcido e misto
em ti me perco e regresso oh rio de
curso redondo, pois existo
na outra margem do mundo

16.12.79

Meditação Sobre a Minha Amada Enquanto Tema

Quando te medito
em cada ponto do que sinto
fica tão grande o mundo
e o moral
e o social
- que ato peixe que sou
ao anzol do que me és
e faço de nós dois
um estendal de proteína
secando ao sol
do que me tiras
e ao sol
do que te dou

Mas estes sóis são um só
- o Sol na essência -
Sua Excelência
a quem não tiro
o chapéu esburacado,
antes o enfiio enfiado
nesta cabeça que tenho
tão sensível e tão louca
tão frágil e deslaçada,
que se tirasse o chapéu
ao sol que tudo derrete
ficaria sem nada

Esta meditação
- ponto por ponto -
sobre o que és
restitui-me aos braços que tens;
e à dúvida de os ter
acrescento o espaço considerável
de o te ter ou não te ter
ser afinal tão profundo
como viver com o mundo
ou como sem mundo viver

Raso-te versos na pele
e raciocínios na fronte
No côncavo das mãos
guardo teus olhos singelos
Desatarraxo um por um
teus seios, teus cabelos
para os entregar
a uma reorganização
em que o seio seja a mão
e pêlos o coração
e gesto a ameaça de seres,
assim meditada,
uma parcela do tudo
a globalidade dum nada
que trago dependurada
nas franjas desta ventura

E assim por diante, amor,
assim te medito
rigorosamente meditada,
fazendo dum selo o mundo
e dum músculo a atitude
que rasgará na cidade
o arquétipo de ti
na caverna essencial
que aos seres meditada
se me impôs
e que te ergui

Vela, revela e sela
desta meditação
o que te dou e me das
dos pêlos do coração
da seara dos teus olhos
de sereia,
da cova da tua mão

16.12.79

Nos quatro cantos do
mundo quem canta
ou afina ou desatina.
Eu desafino cantando
as notas da minha sina.

Fui o sol. E sou a lua
de serradura
dependurada, esquecida
na curva inútil do céu,
nos quatro cantos da vida

26.12.79

Viro-me para dentro
desta incomodidade do
incomodamente Vejo-te ser
e por isso te sigo,
por te ver
vivo e te vivo
no outro lado da minha vara
- a tua cara

Porque te esfumas e esvais?
Sê concludente.
Mostra a fronte
e mostra a frente;
pois no recuo em que saís,
quem irá buscar sinais
deste ficar
ou não ser, de o te ter
- ou sim
ou jamais?

30.12.79

Tópica,
a fonte é lenta
e o letargo
da água
alimenta
a senda
hídrica
que nos dessedenta

Vamos no abaixo
da vertical
que nos atrai
na contra-vertical
que nos reflui

Vamos voamos
nas trombetas de hidrogénio
que a noite concita
e o nevoeiro distribui
- folha emocional
explícita
plenária
nos segundos do tempo
na palpação da pele
para que o acaso da sombra
o céu
estrole

31.12.79

Poder é mais do que querer
objectivo
dum querer potenciado
um querer que se organiza
em vista dum resultado

Organizado e exacto
no destino,
sem duvidar vai ao fim,
sujeito a toda a vontade
que se difunde de mim

01.01.80

Dia de Reis

Vivam os Reis.

E viva a Senhora
e a sua fantasia;
viva o antes e o depois
do que ela pretendia.

E viva dos Reis a vinda
e a vinda da Rainha.
Viva o cometa dos Reis.
E a sua espera até mim,
até mim, Senhora minha.

Tenho coxins de brocado
colchões de algodão em rama.
Nem ao Menino os darei,
nem aos Reis, minha Senhora:
é tudo prá nossa cama.

06.01.80

Talvez não sejas mais que falsidade
mulher, Deus meu, opção ou agra tonta,
ciclo desta tortura, ou ave, ou rota
medida do que foi e do que há-de.

Afronta-me, oblíquo, na descida
deste vau de motim sem paus nem ervas
daninhas, no escopo em que me devas
tocar, ver ou levar-me pia comprida

senda a que o fim põe termo! Ergo-me,
e desde já, vergôntea e ramo e cacho do
que me sou sem mais: antropomacho.
Assim me coto e giro no meu ermo.

De falsos ou autênticos falsários contaí
-me contos vãos ou peremptórios.

17.02.80

Monocolorido lenço
no colo pluricromático
- como um grito tão intenso
que traspassa ao outro lado

cinges tufo de cabelo?
Ou do coração libertas?
pões a garra ou pões o selo
nesse nó com que te apertas?

Em cada praga que flui
a jorra sobre o regaço
vejo o que fica e o que foi
da vida de cada jogo.

O entrançado das tramas
onde o puseste, onde fica?
Nesse peito em que palpita?
No sacrifício das chamas

a corroer o padrão
do lenço altivo e catita,
sobre o desenho e a chita
no regaço e coração?

17.02.80

T empo me fica
igual ao que falta
Tempo medida
de quanto as cócegas
e as lentilhas
solidificam
desbaratam
sob a clâmide da vida

1980

Se rezo no erro do peso
peso o que foi o rezar
serro no aro do vezo que
és no ser do errar

Brincas na onda dos volts
que cerram o curso do tal
soerguer de mortes, de potes,
que cirandam no juízo final

Eras gato e vinhas na calada
da cadeira-poedeira do sapo
que mia na bonança do cabo
que quando rende assim me escapo

Evola-se a ruína-carótida
do chilindró com que me rodeias,
minam-se grades, não as embutidas
nas saias do sarilho das peias

Desencastôo o que me destoa
no plaino da pompa do pastor,
mas não desencaixo o contra-benfeitor
que veias me escacha e face me empoa

E fica e deixa. Mata e vai-te
ou vai-te primeiro. Pica e não fiques
que o peso da reza no aro dos tics
não dá pau nem corda em que me ajeite

Não entre nós o acaso da vitória
nem o da morte. De nossas casas contíguas,
o alvoroço da matéria impromissa,
tinir de cardos, catres, húmus - o quanto

me lancina. Sim, pois te espero
de pé, esconsa, duvidosa, escorada,
sem matinas de névoa nas esmeraldas,
sem a poeira em toda a volta das mãos.

O cardeal trepa na aresta, a lagartixa
sob o néon esbranquiça na escalada
do despasso com que acaso passas
no corolário do pedaço por pedaço

com que te mostras sem ser. Ou sendo. Trazes
(ou fazes) o esquinado apetite do descompasso

.

Esta de não-sermos/ser já era conhecida

Porque a repões, ó Hamlet, à maralha
que ignora que o infinito trabalha
pra sua glória, imprópria deste
nosso esgar de lama, no funicular
mundo de vermes/espaco estelar?

Em teu navio, ó pá, que água
aceitaste, filho da mãe
que sugou do ouvido do amante
a massa consistente da mágoa
de ter, no ceptro que sustém,
menos a mão do que o guante?

Tal e qual como tu: alguém
somente. E pronto. Putrefactos
os mercados, o peixe (enguia
inclusive), também o líquen,
o geral das mercadorias;
putrefactos os pactos
dos sapatos dos gerifaltos;
outrossim as secretarias;
além da estrela polar
(de Deus nem falar)

Caninamente imploro: sê vestígio.

Nem mais nem menos: exacto.

Vigio-te aí nesse rasto.

Não te vejo? Fantasio.

E vai e vem, refluí o barco
em mar de horizonte/conflito:
os arpões produzem o grito,
os cachalotes vergam em arco.

Acesso de nitidez! Pobreza
do filme! A imagem rasa
o tombo, o rombo, a chaga, a asa
do feto-baleia. A bóia-certeza

do devir sem odres nem alívio!
Este sermos no antes do vestígio.

12.03.80

Exiges a inteligência?

Impinges a existência?

Vives farto e largo,
peixe robalo, pargo

trufado e gordo, alongado nesta
cama-assadeira? Em festa
te louvaminho e cerimonio.

E mais: que te leve o demónio!

Sou alegre porque crio
e vivo. Mesmo sem inteligência
existiria. Sou e pio
entre ninho e excrescência.

13.03.80

Quando me obrigaram a jurar
por minha honra e plo sagrado texto,
senti a exigência de mentir
e tal fúria de mim, que explodi

e menti. Com rigor indesmentível
de mentira. Pois sem haver contrário,
contradita ou hipótese veraz,
ficou verdade a minha, a efectiva,

a institucional, a proclamada,
exigida plo rei, plo tribunal
- por quanto importa. O senso e o sentido
deste verme de mim não tem alçada.

Cá vou de consciência limpa. A treva
é deles por demérito. Sem trégua.

26.03.80

Em ti tropeço. E peço. E por ti
meço o torpedo oceânico que sou
na gruta tua, nu - vaga e ingresso
e retrocesso e flama e astro e pó.

Conto e desconto o que em rebordos fui
, o ganho e o largado neste enleio,
o côncavo do umbigo e o rastreio do
quanto me gloria e me destrói.

Passa, perpassa o que vai passando
e o que na cola desse barco vais
deitando: olhos de fera, verticais
pernas de fogo, míscaros e o
bando

de tuas mãos largado, o teu espaço
de ser e heras - linha, cor e traço.

25.05.80

Faço a boneca, lanço ao desbarato a
ruína de mim. Raso o testamento, co-
responsabilizo a crítica. Hausto e
solidão: soergo-me e desmembro

o quanto se compôs para ser contra;
o quanto se constrói para ser sim;
o que deseja e o que se locupleta;
o princípio que é e o ser afim.

Recupero em batota. Bato e abato
a sentinela. Vergo o mentecapto
que engendrou os trâmites do rapto
e rata a macieza da ourela.

De letras e de cheques, eis repleto o
Consistório, o Auto e o Transepto.

Junho 1980

Contra o nato americano
muge as vacas, camarada,
as deste aqui por baixo
feroz nível de vida
puxa curta e comprida
e as tetas en las manos
nas núvens e nos canos
da deriva em que vais
sem navio e sem cais

Deita manos da baixa
- maleita ou fantasia -
faz por manos justiça
que nega a burguesia
promete a senhoria
Muge as vacas do nato americano
do celeiro pró ano
Clama, testa, contesta grita os ais
que não piaram filhos nem seus pais

Vive o que nunca foste
vinga-te do desgosto
de na roda do cabo
faltar pepino e nabo
tagatês da drogada
e a titi anafada
que produziu sinais
das leis duras mas Leis

Cobra da cobra a obra
e a borda da gengiva
voraz viva reviva
a corroer a traça
que orienta a reaçã
e reactiva do Papa
a sístole e a Diáspora,
que o plural de vale é vais
e a vida não teme mais

15.09.80

Não a trazia na
agenda vinha da pena
modulava o menisco
aquela aplicação reflexiva
em cada balancear
de ramo a prenda
de míscaro a petisco
E foi às quatro em ponto
os segundos no quartzo
impiedosamente regulares
Quando ergui os olhos
morreu
Reunião frustrada
(a do ápice, a fatal)
o directório da KAAL
dispersou em bloco
indignado no percalço
do negociador agendado
o móbil, o alvo
ai o traidor
de súbito sem
aviso no
descritério
da verdosa morbidez
à volta dos lábios

os vítreos olhos fitos
na foto dos navios
a comprar, exposta
ocasional na estante
O telex bramiu
a raiva, martelei
nas teclas a exigência
a urgência de novo sueco
imediato palpitante
e vivo, bem vivo porra!
O dejecto foi removido
o ar desratizado
as secretárias enviadas
a carpir no catafalco,
o corpo expedido
no cargueiro das seis
A maratona retoma
a captar as naves Figas
figas na agenda
Agendar a morte
sueca, italiana?
Barcos sem agência já
neste cais bem arrancados
bem cá na algibeira
Feliz o finale
da torcida ocorrência
Apenas o mistério
da numeração impiedosa
do quartzo
na relação com a morte
e o êxito comercial

25.05.81

Palinódia A Luiz

Sobolos rios o vau
deste descontentamento
passámos ou não? O pranto,
Luiz Vaz, mais engrossou
o caudal que nos tomou

de não ver alternativa
nem haver Jerusalém
frontando com desatino
a Babel que sabe bem
e Sião que não vai mal.

Nas lágrimas que te manam
pela fonte-vista, voga
o barquinho de jornal
que a criança lá deitou
por prazer acomodado

(e sem mágoa ! - eu sei, Luiz,
pois a criança era eu).
Hoje faria o que fiz;
mas no lugar do veleiro
lançava-te um petroleiro

que partiria em viagem
(não em hídricas metáforas)
mas na vida que ressuma
e no pego do teu génio
- de oceano e não de pranto -

com que brinquei em menino,
brinco na maior idade
com aumentado prazer
e brincarei de vontade
enquanto vida viver,

seriamente trocando
as voltas à brincadeira,
além triste e aqui ledo,
na cromática alegria
de te fruir por brinquedo.

O bem dura, pois, perdura;
mas o mal é outra história:
nos campos da Babilónia
crescia o bem espontâneo
e dava o mal em estufa.

Jogos de luz e astúcia
em fontes de via pública
com repuxos e refluxos,
jogam o bem e o mal.
Porque então deixar o jogo?

E largar equipamento?
Pendurá-lo?! Para mais,
pelas paredes do templo?!
Oh, nunca! Actualizá-lo,
Luiz, que a sábia gestão

da bélica munição
ou dos bens industriais
não se aprende na igreja
(onde se diz que montanhas
acodem ao som de frautas);

aprende-se de experiência
ou em escola que seja
boa nesta competência:
criar as garras do grifo
e avidez pelo sangue.

Saibam-no as feras também. E
os tigres não se encolham!
Porque se amansam os tigres?
Se as ovelhas são blasées
que devorem as ovelhas.

Pois em toda a parte, a banca
- que moverá a espessura
e vai tangendo a chibata
do pop/rock e dinamiza
desconcertos da ventura.

Pratica a gestão global.
Gere tudo, até a morte.
E não nos é menor sorte
na morte, no bem, no mal,
ter banca que nos conforte.

Já não é Fama quem vela
- essa Fama inquietante,
vigília - desassossego.
Não há mudança, saltamos
de desejo em desejo

só trocando o desejado.
De tudo fica o real,
movimento e movimento
entre estar sendo e será,
nossa essência eventual.

Não há queixa de mudança,
Luiz, nem de saudade;
de saudade na esperança,
de confiança na pança
que empina a meia idade.

O corpo tem avatares
que alternam; e dedilham
o que irrompe ou se obtura.
Não será obra da idade
o que é força da ventura.

Três tempos num movimento,
diversidade de causa,
por sol, por neve, por asa,
pensar artificial
tergiversações do vento,

em estreito acoplamento
à nave azul tripulada
em que vamos pelo espaço
buscando um ponto de nada
que inexiste tal e qual,

eis o tempo solidário
em cada instante menor.
Ninguém é morto vencido.
De quem a vida lhe for,
fica o instante cumprido.

Nossa ventura é um osso
- o que atirado nos foi
e não podemos trocar.
Rói-o rápido. Roído,
outro nos hão-de atirar.

Também depressa este roí!
Que não parece razão
nem de puro roedor
saltar do osso à paixão
e da ventura ao amor.

Cantaste amor e fizeste.
E, por limite sonhado,
edificaste harmonia
com pedras de amor celeste
e trancas de lado a lado.

A língua se te colava
às bochechas lá por dentro.
E tua alma subia
através da chaminé
além do ar e do tempo

à pátria transcendental
onde a tropa não perdoa
nem objectores consente.
Teve pois de assentar praça
nas Legiões do ausente.

Ali há sombras brutais
escuras como carbono,
grandes como catedrais,
que são em maior escala,
o que somos, onde e como;

ou o modelo do ser
(que seria o que não é),
a ameaçar a vidraça
do nosso humano cristal
que se racha se não for.

Canta, pois, divinamente,
quanto do imo te escape
em monocórdia ou hino,
canto que de ti dimane
muito grave, ledó e fino

dessa temperança humana
que até tiranos destrona.
Canta nas pautas da trova
jorros de vida imanente;
de aspirações dá a prova

sonora, plácida, urgente;
e do que em que teimou
e do que se quer mais.
Deita no canto sinais
dos grilhões com que te atou

o soberbo poder vão
daqueles que tintos vão
no pobre sangue inocente;
dos grilhões que duramente
os tornozelos te feriram

e nas masmorras do Tronco
agrestemente tocaste
em tinidos que pungiram
os órgãos com que cantaste.
E também, por outro lado,

de Petrarca os grilhões;
os grilhões da tábua rasa;
os da Beleza geral
contra a massa de desejo
da honesta carne tua

que por pejo e por desejo
em tua voz conflitua
e desenha o artifício
do impulso que é virtude
e graduaste por vício.

E não menos, igualmente,
os grilhões quotidianos
que te impuseram à mente:
ser-te grilhão a paixão
que te furta a liberdade,

e te restringe o amor
- dano que a pena depena;
essa coita de cuidado
que por sistema condena
o que de humano foi nado.

Tão Gentil e Tão Honesta Parece

Tão gentil e tão honesta parece
A minha senhora quando os outros saúda
, Que a língua tremendo se torna muda,
E os olhos não se atrevem a olhar.

Ela passa, sentindo-se louvada,
Benignamente de humildade vestida;
E parece que é uma coisa vinda
Do céu à terra para um milagre mostrar.

Mostra-se tão agradável a quem a admira
Que pelos olhos dá doçura ao coração,
Qu'entender não pode quem a não prova:

E parece que dos seus lábios se move
Um espírito suave pleno de amor,
Que vai dizendo à alma: Suspira.

Revisita à Posição do Português na Dinâmica dos Povos

(Poema épico)

*De mente em punho
súcubo admito perestrelos em mim
em busca de que mares...*

Pedro Tamen *Horácio e Coriáceo*

Ao confirm das américas do sul
expeço o telex, apresso o satélite,
ordeno a vinda aqui já do meu Filho
- esse importantíssimo pimpolho
entre os índios nómadas do mar. Fi-lo

em mãe sudanesa, tatuada,
no estrado de vime da embarcação
plo mar de Magalhães, as ondas
cuspiam o esperma da vaga;
fi-lo (do meu, claro) nas pregas oblongas

directo à ovulação, que em pontaria
jamais me viram escasso. A mãe
urrou preceituai alegria
vivida, implícita no joelho
lasso perante mim e a boca: "Prenhe,

Carlos, prenhel". Por método, não me fio.
Avanço, busco sangue menstrual
(falho sinal na abundância das águas),
chocalho, vasculho, suspendo o anel
no umbigo de ébano. E admito

mas digo: "Desconfio, mulher". Desato a canoa
velejo prá ilha, salto no canal.
E foi no ribeirinho canavial:
"Esperamos pela lua?". Não... plo luar!..."
"Plo luar vai uma". Zás! (Era boa!)

"E outra pela lua!". Duas no total
por confirmação. Garantido o filho. Meço
por cautela a deslinha do quadril,
o ímpar da barriga. Ao primeiro nojo
faço a mala; ao primeiro vômito desapareço.

Assim! Os filhos são da mãe. O pai
inútil no primórdio; pr'além do sémen
quando muito factor atenuante.
Penduram-na plos tornozelos na barca
parideira, picam-lhe o cú. Suspense...

Os fuegianos não são ecléticos
quanto à fecundidade (máxima
na estatística), a qual não será
incontinência/verborreia de entranhas,
hemo-desestabilização contra a raça

e demais ritmos ocasionais. "Se pares, fá-lo a sério e só se for forte e firme o filho e o motivo" prescreve a Lei geral regulada plo desafio de na hora se inverter da mãe a posição e o filho fora

na direcção do sol. Nasça de pai sábio e ventre potente a ejectá-lo. Os outros deslacen nos úteros-bexiga, apodreçam detritos-necrose. Povo depurado na selectiva prática contra a física

da gravidade. Fetos e mães perdidos (centos ao dia) não se transformam, que o estrépito da fecúndia desafia todo o contraceptivo aconselhado maldito permitido plo Papa e a estatística cresce trigonométrica.

Ora eu cá por mim socialmente jamais fui fenogâmico e ela, sudanesa, escaparia aos locais avatares (pecado de origem), que eu, Carlos, português de três costados com tal persisto e me mantive em Magalhães.

Todavia, o Filho nasce como dum tiro depois dos sete urros, atirado à aparadeira, com sinais do Pai e do Sol, conforme reconhecido no potente ruído genital,

sortilégio que atroa o canal, se expande
a mares pra norte e (suponho) até às Shetland,
pois chegam dos quatro pontos balsas, barcas
ajaezadas com Chefes em regozijo impantes
de arco-íris, gomas, escamas, cascas

de lagosta e lavagante, arminhos de pinguim,
dentes de orca e tubarão, mamas de sereia,
conchas de búzio, pérolas, cabeleiras de alga
e de medusa, tentáculos em festa, as dezassete
tintas do mar a retinir ao sol

do norte, a púrpura, verdes da aranha
marinha, azul do céu, laranja de caranguejo
e espinhas, espinhas de peixe opalinas
como vértebras de gente ou de canoa, olhos
de cachalote grilindo no espanto

de ser meu Filho enviado do Pai
(eu, Carlos), do Sol (que sou, portanto),
geral no consciente popular,
Filho para unir, selar, salvaguardar,
fonte de pão, boa nova, prodígio!

Ao Sumo-Chefe, sob o baldaquino
de rabos de baleia, a mãe identifica-me
progenitor plo gozo que lhe dera.
Requerido a ir, desço plo lado do sol
(esperteza cosmogónica), acolhido

entre filas de barcas em festival,
canoas de deputados tribais, charamela,
guarda de tartarugas, cantos de golfinho,
sobrevoados em formação por garças e gaivotas,
nas águas ciclóstomos caligrafam meu nome.

Salto de barca em barca até à jangada
principal, vejo o Filho ao colo do sacerdote
(contenho a emoção), a sudanesa
atira-se a meus pés, agarra-me as coxas,
quer devorar-me a boca (recuso

que uma meramente incubadeira
não deve participar no sacral).
"E este?" pergunta o Sumo-Chefe.
"E *este*, é este!, o único que me encheu
o vão e a alma!" - responde inflamada.

Severo o Sumo-Chefe, alheio a coisas
de cama mas sedento das vias de entranha,
carrega: ^{zz}"É este o Pai?". "É, siiim!"
- exclama em lágrimas, aperta-me a cintura,
cola a orelha à região do sexo.

"É Pai daquele Filho?". "Oh sim, mais
ninguém Lho poderia ser, que nesta terra
só Ele me quis devido à negritude!".
O Velho eleva à boca o crânio-de-cetáceo-
megafone e grita longe: "Se outro a rouçou

tem o tempo do voo do peixe-voador
pró declarar. Proclamado Pai,
depois ninguém jamais contestará
nem Pai nem Filho". Silêncio. E logo
o peixe-voador levanta, voa, mergulha.

Silêncio. Fica no ar a tensão que deixa
um Deus quando baixa. Sacerdotes em ritual
erguem a sudanesa, agarro-a plos quadris,
caminho lento até à borda,
atiro-a pró canal e vejo-a deglutida

plos tubarões de serviço. Devido
este respeito à Lei! E fui aclamado,
peixes voaram, aves, insectos, remos,
vozeria junta a tubas votivas,
as núvens trepidaram e o Sol em chispas

girou no seu eixo a celebrar também.
Na participação solar manifesta,
pra povo e Chefes naturais
culmina o delírio da festa,
em definitivo o Filho é Divino

Salvador Libertador. Pra sempre e jamais!
Compreendo (ideia tida em meu secreto)
que o Filho me dará chalé na Lapa,
Mercedes e os emolumentos respectivos,
se for com finura aproveitado.

Estavam os nómadas do mar em horrível
trauma, depois que os Estados Unidos
impuseram um Chefe fabricado
em reserva de nativos, passado a limpo
em West Point, sujeito a intensivo

tratamento de persuasão, psicanálise,
soro da verdade, crueldade imperial, complexo
de top, manejado, treinado a reflexo
condicionado, cálice a cálice
sorvendo as hormonas pró desempenho

do papel de Buffalo Bill dos índios
da América do Sul; não por guerra em bloco
mas por depredação intestinal, golpe
na unidade, corrupção, mitigação do ímpeto
natural, negação da raça e do instinto

reprodutivo, sujeição, por mais que vos repugne,
aos desígnios imperiais de Washington.
Assim o Sumo-Chefe expõe (eu já sabia),
acentua a ganância americana
e o ilegítimo de tal poderio

que disputa o seu próprio, provisório
a manter o princípio da Monarquia Solar
em vacatura corpórea. "Teu Filho contém sinais
do Rei que o Sol nos envia
e foi testado sem contradita".

"Sou português - respondo. Tem Portugal
plo teu povo simpatia. Mas, por tão longe,
mal se veria Filho de português no mister
de definir aqui raças e poder".

"O Sol no-lo manda, é quanto basta!"

"O Filho é meu, e minha a sua posse!". "Afasta
o mesquinho pendor à propriedade,
é maior e mais fundo o horizonte!...
Vem-nos do Sol!". "O sol não sustém
direito de pai sobre filho, nem o da criança

ter o pai que tem". "Todo o direito cessa
perante o Sol. E se assim não fosse,
não sentes que cessa no olhar dessa
gente que o quer por chave do destino,
milhões e milhões suspensos do Menino?"

"Que por acaso é meu! Quero-o aqui,
tomo-o nos braços e parto já.
O sol da pátria amada nos espera.
Aqui é cativo e lá é liberdade
que vale tanto como a vida inteira!"

"Falo eu da Grande Liberdade de povos e
mais povos em concreto. Que sacrifício
faria de A ser?". "O sacrifício é meu por d'ele
me privar, seu roubo admitir. Eu não sou filho
do sol pessoalmente; então porque o faria?!"

"Não Lhe és Filho mas foste o instrumento!..."

Continua a disputa massacrada,
eu sem largar a criança, ele a puxá-la
a toda a garra. Criança e mais criança
dias e mais dias. No meu prato da balança

além do Filho pesa a ameaça
calada de me passar pró lado
de Buffalo Bill, o que seria,
por minha paterna autoridade, golpe fundo
na teoria do meu Filho revelado.

Adoça o Sumo-Chefe a acidez. Em luxo
de barçaça me põe com cinco mulheres
- três amas pró Bebê, duas para meu consumo -,
faz-me seguro de que o Filho não terá
carência de mimo, haveres

sobejam pró manter, futuro assegurado
e glorioso. Cedi quase à fraqueza
de aceitar, ao prever o que Lhe seria
a vida em Lisboa, a esgueirada trapeira,
o importar metade da comida, o peixe caro

ou congelado, preços ao alto, baixos os carcanhóis,
corrupção geral (a que nem todos têm acesso),
o arbitrário das proclamações,
disparate largado a todo o pano,
leis orgânicas em vexado retrocesso,

as bocas e desbocas dos jornais, a destelevisão,
o desabril, o desmarx, o descristão,
o despresidente, o desconluio,
o desdém, o desplante, o desprezo,
o desassossego no vão/desvão,

o rata, o trata, o delata, o disforme,
os figurões de fundo que nos impõem,
meninos de cueiro em infusão
prós render em ministérios, em bordéis,
onde haja tinto, bacalhau e ouropéis.

Esta visão foi de há anos e pré-monitória ,
ainda Salazar não esticara o pernil
o tempo era bélico e vazio
a malta a estostrar por dislate
em guerras d'África e migração de tinir.

Plo que, considerada a esperança
de quem uma vez terá algo a dizer,
o mundo é sempre melhorável e o português
jamais lhe fica atrás. Se melhor sustância
não houver, esta em Portugal posso manter

pró meu Filho, suspensa dum atilho
com que o cativo através da gaiola.
Não cedo pois à tentação, discuto
do Filho a sorte, peso o interesse
do que pra convencer o Chefe me desse.

Paciente na espera. Reflecto:
na dinâmica dos povos o português
o mais que fez foi por reprodução
territórios tornar em descomunais cadinhos
e enchê-los opiparamente de filhos

criando o povo que lhe fará o jogo.
O que neste caso não ocorria
- caso pois excepcional - aceitei-o
como tal. E na barça prossigo (entre horríveis
vagidos da Criança, a caca, a papa,

os mimos vaginais das amas de hieromania
em êxtase por sustarem nas mamas
o próprio Sol) o trato do varonil
negócio entre mãos. O Sumo-
-Chefe vem com a negaça

de arminhos do mar e tinta de caramujo.
Pr'além exigi o monopólio da baleia
sem mais pedir nos próximos seis meses;
o Filho era meu e tinha o direito
de o fiscalizar e até apreendê-lo.

Acordo. Lagosta da paz. Pancadas
nas costas. Assinámos a pele de peixe
do contrato. Zarpo. Contacto a fábrica
flutuante pra captar e derreter
baleias, envio bidons pró azeite,

vasilhas pró caramujo, fardos prós arminhos
(e peles à sucapa). Aos americanos
vou directo pró substancial da jogada.
"Buffalo Bill triunfa" dizem "daí
que from you, ó Carlos, não queiramos nada"

Desfiro o manguito (não perdem
pla demora), apeio-me em Lisboa,
mudo-me pró chalé, ofereço um pendentif
à Senhora de Fátima, inscrevo-me no livro
das visitas ao Presidente do Conselho.

Rápido, viro olhos pró Brasil
a especialistas em nativos
- c'o genocídio no activo de duzentos mil
índios da Amazónia - e ponho a questão
de darmos cabo do Buffalo Bill.

Tudo reflectido nas diversas
pistas (inclusivé a americana vindicta),
é mais táctico desestabilizá-lo
que matá-lo, todavia matá-lo
se não podermos desestabilizá-lo.

Envia-se tropical envolvência.
Logo o primeiro atacado
- o seu privado psicanalista -
cai rotundamente na macumba
e fica inútil prá sua ciência.

Depois a esposa (também preparada) filha
de general herói da Coreia, cozinheira
de truz, famosa pelas ótimas pipocas,
de nítida imaginação erótica
mais fervente que a frieza da missão:

expedi-a para um vale entre pináculos
e lagos, onde abunda a hera do amor,
exclusiva ocupação dos habitantes
que do amor sabem e o fazem a preceito
entre fumos, sementes e charros afrodisíacos.

Encontra aí seu ideal e fantasia.
Buffalo Bill? Nem ver-lhe a ponta da camisa!
A CIA foi buscá-la, respondeu que não ia.
Fugiu, não mais se viu, nem com cio
nem com CIA. Bill eleva a tonalidade

de seu estar; quer, busca, mas até
do rumor das folhas desconfia já. Precisa
de firmeza ao menos afectiva. Capta
de noite uma sombra no jardim, que canga
por mulher, ali e já!, sai-lhe um brasileiro,

macho visível, travestido, que gargalha,
lhe aplica o rabo de arraia e se vai;
na penumbra da mata vê a sombra
e a voz tumular do chefe sonogado
que substitui por ardil imperial;

tropeça pois no índio sangue próprio;
abusa do poder pessoal com o que abala
a confiança americana. Não está vencido:
se dispusera do psicanalista
a tais fraquezas chamara-lhes um figo.

Eis chegado o momento da minha
nova investida pró maná que espero
do galhardo rapazio imperial. Digo
pra Washington: "Então, que tal o Bill?..."
"Constipado, Carlos, mas mind up. Enfim, well..."

Ou nem migalha pra mim consentem
ou não me querem no circuito. How know?
Ao meu Sagrado Filho, sem demora! Parto
e levo portugueses pra trabalho
mas quero-os aplicados à procriação

que aí 'stá o futuro e o sentido
genuíno. À chegada o Filho berrava
entre as amas; atira-me os bracinhos
e cala-se. Ergo a meu colo
aquele português moreno, olhar

atirado pró Sol do devir! Chamo
o Sumo-Chefe e refilo: "O Filho
'stá mijado e faminto, aqui amas novas já!
O berço mais fofó, peles no chão e banhos
do Sol seu Pai". Tudo feito. Bandos

de mulheres sabendo-me na barça
vêm sôfregas do meu prazer, escolho, escalo-as
a três por dia. "Pra mim, ó Sumo-Chefe,
quero a terra da Ilha Ametista".
"Pra quê?". "Pra não falarmos de crise

por cinco anos e te deixar o Filho".
"Renuncias à vil propriedade d'Ele?"
"Nunca, aí tal como dantes. Aceite?"
Gemeu de suprema paciência: "Aceito, sim..."
"Então escrevam tudo na folha de peixe

que eu assino. Le Soleil oblige. "Formo a companhia
pró minério, a sede em palafitas, monto tramóias
de comunicação, pois teria minha base ali.
Na Ilha disponho capatazes, a maquinaria
expele pedras lindas como jóias.

Tenho pró decénio, talvez pra muito mais!
Repouso enfim na colina de Lisboa
ao Tejo meu. Relax de quem ergueu
com mar, imaginação e ilha conquistada
o que dá pra sustento, ócio e paz.

Vou subindo na cotação local
eu pessoa ilustríssima nomeada
nos jornais a lume de tudo e nada;
eis-me à beira do governo
que Salazar não perdoa nem dispensa

se tal se lhe mete na cabeça.
Avanço pois manobra lateral:
conflito urgente c'os americanos;
Salazar recuará de mim se me vê
com eles de candeias às avessas.

São por demais esquivos e supinos
plo que lhes peço protecção
contra a simpatia que Salazar me tem:
"Não me deixeis cair, imploro, que me arrisco
a ir pró gabinete e ser ministro".

"Well, Carlos, por esta vamos-te safar
se susténs o avanço contra o nosso índio".
Não conheço, quem é ?..." (Sou interrogativo
e inocente...). "Retiras o teu filho?"
"Filho eu?! Onde?". "Tem um carisma

junto ao povoléu maior que Bill e porquê?
Talvez pla bruxaria mantida
no atraso português". "A quem o dizes, fellow!...".
"Sabes, Carlos, o Bill fica-nos caro
e não é rendível após os golpes baixos

dos teus brasucas; que, por tal sinal
- não sabes?... - foram na praia devorados
por um cardume de piranhas irritadas".
"Ah sacanas que os deitaram à praia!...".
"Oh sim por gentileza, pediram

e demos boleia. Mas não largámos
as piranhas...". "Porque já lá estavam...".
"Pois Carlos exacto...". "Obrigado, rapazes,
não sabia. E as piranhas gostaram?".
"Lamberam o beijo; querem os mais que mandares".

"Que é lá isso, ó boys, eu seja ceguinho
se não 'stou inocente! Então eu pago as favas
do falhanço de Buffalo Bill?!".
"Quem fala disso, ó Carlos, afinal
o Bill vai de vento em popa! Quatro Dê Cês

lá vão p'rá semana com KX ZERO!".
"A pílula contraceptiva!? Pra quê!?".
"Pró Bill a dar de borla às mulheres; forniquem sim;
mas não filhem como ratas, que lá não quero
poderios exóticos por haver índios sem fim".

Sinto a diferença (que faz o português
e o certo e concreto do seu fundo)
ao semítico toma-lá-dá-cá
de engonhar as índias entranhas
onde o fecundo luz. Pois aqui

conflituo, que tenho nojo! Encho
o meu Dê Cê d'embalagens iguais
às do KX ZERO, pílulas à vista também
iguais mas de cianeto de potássio.
Chega primeiro a minha carga a Buffalo Bill

que logo a distribui a barcas e aldeamentos.
Pavoroso horror de seus efeitos!
Mulheres e mais mulheres mortas numa noite
em convulsões horrendas. Os índios revoltados
lançam a culpa à carnagem de Bill,

cercam-no em pé de guerra. Aterram de manhã
inadvertidos os Dê Cês americanos.
Vendo os índios a carga letal, deitam fogo
a aviões, tanques de carburante, matam
tripulação, homens da estiva,

deitam fogo ao aeroporto, ao palácio de Bill,
matam a tropa a mãos, setas ervadas, lanças,
afundam barcas, barcaças. E retiram ao crepúsculo
a carpir as mulheres mortas e as crianças
futuras, que delas não chegaram a nascer.

Imenso requiem de medo e sobressalto!
Choro plo progénito fogo, em que o português
se alça de sangue em sangue, raiz
em raiz, desejo por garlopa, carícia
por envolvência, impulso por sistema:

verifica a amplidão vazia
e nela cabem mais? Logo acena: "Quem vem
a esta lida, à básica filosofia
do rés-do-ser, viver, desenrascar-se?".
Que onde cabem dois aí cabem três

no berço, no canto, no tacho português.
Se amor é por outrem repartir o que existe,
amor maior é criar com quem o repartir
e máximo fazê-lo do próprio sémen.
Fui castigo do desamor americano.

Fi-lo pla honra do Filho; e pasmo
do quanto plo Filho um Pai é capaz.
O Sumo-Chefe reconhece (enfim!)
o vácuo no dispositivo de Bill, concorda
em avançar, o povo vem, navega,

ordeno que celebrem o pacto das tribús todas
(o texto foi por telex em nome do Filho),
assinou-se com prazer nas ruínas engalanadas
da casa de Bill. Depois rambóia e festim
na placidez outonal daquele mês de Abril.

No cândido berço desce o Filho ao povo
entre vénias, místicas rezas. Milagre:
o Filho ergue-se em pé, o sol brilha na touca dourada,
dá os primeiros passos! "Prodígio! Ó Filho do Sol! Ó Rei!"
Clamam. O Sumo-Chefe levanta-O nos braços,

exibe-O em redor. No ardor da festa
fenece o dia pleno e feliz; a noite desce;
fogueiras acesas até ao horizonte;
acesos também os olhos das estrelas.
Silêncio total, não fora o crepitar das chamas

e o do amor que se fazia.
De manhã 'inda o sol mal verberava
tintas de terra e mar, vem da montanha,
esfarrapada, cabeleira em concha
por ombros, joelho, tornozelo, a esguia

figura nua da viúva de Bill.
Divisam-se, por entre desventura e tom
suplicante, detritos do pai general,
da vaidade em que fora treinada.
O Sumo-Chefe receia o terno e bom

coração do povo não vá dela apiedar-se.
Mandou tocar a retirada, as tribús foram
sem notar o incidente. Os esbirros
do mar tomaram-lhe a vida. Vida breve,
que tarde viu amor e em tempo breve o teve.

É minha sorte que de tal razia
não haja americano pra contar.
Eu de Lisboa comandeï por telex;
o caso era interno dos nómadas do mar...
"I know, I know, ó Carlos. I wish..."

"Mas...". "Não apuro da autoria,
right?". "Ou apura, tanto faz". "Please, ó Carlos,
é a sério... Teus interesses pra quê negá-los?".
"Interesses nunca nego, aumento".
"Sim? Então vou propor-te uma maquia..."

"Grande ou assim-assim?". "Pequena por enquanto...".
"Pensas que estou à venda? É pena,
mas sou português e o que faço
não vai por vias imperiais!".
"Ai segues a lição do chefe? Ele é um maço

de estupidez com guinadas narcisas
que lhe dão na libido!". "Quem?". "Salazar.
Nem o computador de Dallas dá pró entender.
Tem folgas nos pirolitos e demais cavilhas,
um fradezuca que tange os sinos do poder.

Tu vais por ele, ó Carlos?!". "Olha boy
fala mas não perguntes por causa das crises".
"Fechamos negócio?". "Se aumentas a parada...".
"É cedo, pra já não aumento nada".
"Sabes, tenho um viveiro de codornizes,

interessa? Mete milhões de bicos",
"Talvez. Mas bicos não é comigo,
vai falar ao serviço competente".
"Ok, ok, cá vou ó boy". É claro não fui
que tenho o aviário sem patente

e apenas pra encobrimento
do negócio a que me obrigam
os americanos - o armamento -,
pois não podem os índios
suportar as duras investidas

com achas, setas e alguma caçadeira.
Instalo com lanchas e vedetas
o controlo marítimo; levanto
guerrilha geral em mar e montanha;
rodeio o Filho de aparato

militar com guarda servil
de índios fanáticos e nazis importados;
monto o meu aparelho ideológico
de domínio, comercializo rádios acertados
prá única emissora, a minha,

que propagandeia a minha democracia;
balizo a rigor a demagogia alheia
com martirizantes leis a penalizo;
domestico comités do povo em que se faz
confissão, auto-crítica e catarse.

Os portugueses que em tudo aplico
procriam eficazes: coliga
o luso sémen com entranhas
índias, as crianças vêm lindas e tamanhas
novo e formoso povo ali já tenho.

Oculto embora por mantéus sagazes
cresço em riqueza e poder. Ultrapasso
na glória, a meu Filho estendida,
toda a empresa actualmente imaginada.
Alheio sou a nossos tempos de cobardia

em que é vergonha afirmar o poderio
ou tê-lo é não dispor de arbitrário.
Comigo, ao contrário, o índio povo é soberano
sendo em verdade meu; e é pró que serve
a ligação do Filho ao Firmamento.

Sou pois indisputável e dou-me
ao luxo português de ter saudade:
expeço o telex, apresso o satélite,
ordeno a vinda aqui já do meu Filho,
que mais de sete anos são passados

desde o começo da epopeia capítosa.
Quero olhar o meu Filho como tal
que só o vi como instrumento lucrativo.
Por minha mão passeará à beira-Tejo
e dará milho às pombas do Rossio.

Quero-o de manhã na praia a apanhar sol
e ao domingo à tarde irá ao futebol.

Junho 1981

Ó interland da má
consciência mapa-cor-de-rosa da
invicta vileza
os analistas têm pinha por cabeça
e até Lisboa, ó Eça,
também já é paisagem
e bem imolada no estupro
de efectivar o grito corrupto;
"é fartar vilanagem!"

Junho, 1981

F rigorifico isso
que tenho pois me deste
e sinto-me prolixo
quanto ao resto

Junho, 1981

Meu amor,
quero crer que a antropologia
se detém
no homo sapiens

Nesta comodidade me espreguiço
cartesianamente
e te beijo

Pois aceite o desenfreio
da imaginação a cavalgar
de homo atrás homo
e prá frente também

recrudesceria, amor,
o fanático
(que depões)
do pânico
(que repeles)
do homo
pré-sapiens

que sou se não te beijo
mas se te beijo
não sou

Junho, 1981

Dos sociólogos Durkheim e Max Weber
ficam os bancos culinários de lausperenes
onde escondiam as provetas das abelhas.
Um dia os hei-de ler-te
pra que os insiras nos teus genes
e no teu cardápio de receitas.

Julho, 1981

À Lembrança de Mim Mesmo na Belle Époque

Concedo às turbas o meu próprio desalinho
e gozo a glória do négligé boémio
que indiscreto atiro com panache
De facto
no desalinho me humilho
e a poesia me seria no sumptuário
se não me fosse a mísera poche

Julho, 1981

As Palavras Pesam...

Carlos de Oliveira

Palavra é container no cais
de identificação escassamente exacta
a estiva na greve, a tinta desbotada
quem diz o que convém a menos ou a mais?

Pesa o peso que detém um outro
ou a força que dá quem lhe pega ao pegar
cala na coxa no peito na mão da razão do ar
pesa ou sobrepesa, em peso nunca é neutro

Por palavras direi o que retenho de ti
dirás de mim o que falas do teu viso
por palavras de pedra me ri empedreni
manifestas estrela, manifesto granizo

Palavra é o que for nas duas onde encaixa
no trémulo mover-se do cais: se o cais parte
eis o container clandestino na faixa
d'entre oalavras, no ponto em que o coração não bate

Didáctica

Estão muito chatos os
trabalhadores como doutores.
Está muito chato
o patronato
recolta poderes
fora do contrato
e pra que tudo torça
assume pra si
que a união faz a força.
Exclusivizam a luta positiva
ou envergam o fraque
pra activarem o saque.

A questão é de empatar
contra resolver,
sabendo-se que o empate
mobiliza catolicamente o tempo
confere à luta desgaste
joga a favor do poder
na sua forma arbitrária

.

E desde empenho a pretexto
quem se lixa é o caranguejo.

Patrões de todos os países
uni-vos em bloco,
refastelai-vos no choco
que o saque não é pouco!
Ó trabalhadores, dividi-os
se não poderdes unir-vos
quanto baste,
jogai também no desgaste
ou em outro qualquer truque
e uma vez que tempo é vida
tomai nas mãos o açoite
do desempate

01.08.81

Vasculhas no
supermercado o sector de
ginecologia
recolhes o líquido roxo, os canos
violeta, o bico-de-pato cromado
com que desobturas
o curso dos solutos.

Bem hajas, que a ginecologia
prossegue preocupante
em matéria ginecológica a Legislativa arrepia
os úteros no geral deteriorados
clamam urgência por restauro
e a demografia periclita.

Entretanto os emigrantes envelhecem,
com tal ginecologia como gerar os substitutos?
Enfim: ou a Legislativa legisla
ou somos nação que se abisma.

08.08.81

Prece

Que não me doam mais os doadores
do que se não doassem, nem por seus
me outorgassem preciosos dons

05.09.81

Objecto Voador Localizado

Tens um bólido na anca
- teu bólido, meu ditame
pois tanto me sinto disperso
nas vias em que me lanço
me analiso e me verso

Redondo como seio porém mais
incerto, de irisadas estrias
macias espiras casuais,
a consistência sensível
a bafejos e a ânsias

Coberto de penugem fina
como campo de pezinhos de oiro
plantado, que galgam a colina
e descem plo outro lado
- seara que a sopro mal se inclina

Pontos de amor não achados
busco por mundo por corpos
e agarro teu bólido ignoto,
interior à tua forma
provindo de qual galáxia?
orgânico plo ar de teus poros

05.09.81

Walesa's Enfarte

Oh poor Lech Walesa's
enfarte do miocárdio
por ter forçado as defesas
por ter composto o binário

Pró coração o remédio
é profilacticamente
nunca ser-se deletério
mas fiel ao establishment

Sanduíche de coração
entre a força que o remexe
e os apertos que lhe dão,
dominus tecum ó Lech

19.12.81*

** Os órgãos de comunicação ocidentais, na véspera ou ante-véspera desta data, deram a notícia de uma afecção vascular observada em Lech Walesa. Nos dias seguintes a este, desmentiram a notícia que haviam dado. Por mim, mantenho o poema.*

Cada momento
carrega o nome
certo
ou outro

depois
a cativa fadiga:
o nome seguinte
do instante que segue

entre ambos
a chave ciente
sequente
à asa
da ave

25.05.82

Hemisférios

No trémulo vento
a trémula planta
trémulas folhas
à longa navalha

oh o humano
em jardinagem

a trémula pele
no trémulo onde
as coxas se tocam
o vibrato da volta
stacatto em cada lado

rompe irrompe
e a distância

é de vento
- roxo de gruta
insone pensamento

24.06.82

Parto

Talvez seja engano, mas
está a sair de mim
uma coisa

07.07.82

Aforismos do Amor Real

Enquanto te for possível verter nos meus os teus olhos, não
os poupes

*

Nunca os teus lábios te doam de me beijares a pele

*

Leste os meus poros e ficaste cega. Bendita cegueira!

*

Deste-me as carótidas por dentro. E agora?

07.07.82

*Poeta é aquele em quem
uma ideia não calou o canto*

Adolfo Casais Monteiro

Viático na chama consumido, os
laços, o vagido, a destra imposta no
quadril e o gosto (que se gosta), o
plenilúnio e, ai, o ido ido

Se recongrega esvai; e o tecido-
-bruma, tampa do hálito, a bosta
global (vazio, vazio) e a ex-hóstia
de mim (esplendorosa) e ex-comigo

Stop no tempo, stop. Na gorja o coice
de meu próprio corcel. Que se de outrem
viera um outro coração daria.

Ai de quem muda e fica antes. Quem
na interceptada chama fixo busque
o ânimo de ser em cada dia.

23.05.83

Falo de serpe
serpe de falo
falo como serpe
de galo
e galo

04.11.83

Austeridade

Aquele pato que
conspurcámos valeu-te males
causou-me danos

bebeu cognac e contra-veneno
decapitado foi a assar

a noite exangue no céu heleno
em nossos peitos em nossos prantos

sagrada toca e sucedânea
a gorda campana do jantar

29.12.83

Esvoaça e sê, ó amor minha,
depilada a ponto confluyente
o teu recanto na linha
louriflor da tua pele

Que dor tens de mim?

Além

de teu corredor de malas empilhadas
- dantes estas piscícolas
mãos haviam o vazio -
e tiveram as espadas,
a Circe, o alce, a lima,
a verdade de que algo nos viu

o teu despedaçar-te em cada rima -
- noite

- uma por uma tuas parcelas

depor no retopo de ti
logo vencida a madrugada

e meu cântico de vinho
a tua boca no brilho inunda a
cada sorvo cada soluço em
que te cumpro.

E o sulco

dessora. Hirsuto irrompe
do baixo mínimo insone

- globo
de nosso peixe e engodo

06.01.84

Quando me roubaram
o sangue não pensei em ti:
pertencias ao meu grupo (sanguíneo)
e a plausíveis formações sociais

Fora, na panela dos elegantes
miosótis tu, de pluma,
enjaularas a temperatura
de quanto - além do sol -
o bom anfitrião nos concedera

Mas o líquido fatídico em mim
descera (verificado) sorvido (por que algália?)
Causei distúrbio na redondeza
e viu-se um vazio exacto
na boca dos estômagos
dantes propensos ao banquete

Acode então o bando de trovadores
no bairro encarregado dos desfalques;
peremptório, unânime:
contra meu sangue alguém operara !
E não me restaurava
sentia uma abelha a esvoaçar no vazio
das veias, tumultos cordiais
- in corde, digo -, a lógica
irreversível de tal proeza

O trovador/detective abrange na orla de mim
o perfume com que te detecta,
juro pela tua inocência, mas vê
em tua mala de crocodilo harmonizado
o sangue (meu, RX comprovado)
a latir já por si, autónomo em novo mundo-
-pessoa (de que fruo e vingo)

Crime ou não?

Nada vale especular
pois logo me recompus. Agradecia-te

se esta fosse a verdade. Mas o sangue
me palpita a terço e sem mais
o resto me reténs.

Mas tudo acaba em bem, Horácio,
neste mundo a salvo de mistelas:
vamos, enquanto me sobrar alento,
a negociações a nível circulatório.
Rebento? Não rebento?

Em nossa longa sabedoria, existe,
Horácio, prestimoso e enigmático
o entretanto.

18.01.84

Se mereci o vinho que me deste
e tu os sucos de que te dotei
o ladrilho inventado em tua pele
(quadrícula carnal de que sou rei)

pele jamais assim meticulosa
em seu rescaldo, cada centímetro
quadrado fenda o infinito incerto
no púbis espessura de Amazónia,

ilhas de laca, ardentes perolinhas,
imagem por tubagens deformada,
o arco do quadril e o das axilas,

- calemos entre nós a gala, a fada
em frenesi, os poros nos retrácteis
inflamados de ter-te - ser ou nada.

02.02.84

Elevo o 350 TL à velocidade
280 ou mais
(mesmo por estradas de segunda)
tenho pressa tenho pressa
(de quê, para onde?)

Se vais no meu banco ao lado
ignoro se da plétora
ou de o fascínio me tocar
de ti pela direita
o 350 dá apenas 17 - manso
na vontade de alongar o destino
até ao horizonte
que recua de si
o quanto avanço

Por esta estúrdia quilométrica eis
-me preso como fosses vinha e
rio que sobrenadam pérolas
o oxigénio a ti indispensável

jorra da minha
infinitesimal
ávida pele

03.02.84

Falo como bastasse ...
a vida e o que dá. E basta.
Tê-la é revolvê-la
ou não a ter, pois é nada
o exterior do seu retrato.

Baixar ao imo dela
- como calam no mar -
seria o menos desse hiato;
o mais que vivida
pode dar, atentos busquemos:
o dia é breve,
a noite empasta;
e para tanto lastro,
dolos e gastos a meia vida.

15.02.84

Ora de Escrita

Na ora de escrever
vinhas nas letras
ao ritmo ascético da máquina.

No papel tu com flores
para o meigo confronto de ti/
/som, global, loiro

o modo de teus olhos,
mãos de pétalas e trufa,
o odor de ti ágil voando

para além da moldura na imagem.
Superviso-te no pensamento
galope, galope mas porquê?,

as patas da frente nas tónicas
- que entorpecem e dilaceras -
as traseiras na coda intermitente.

Foste carne como
névoa, pássaro e serpe.

Serpe serás

na roda do sol, perímetro
por onde te chamo e tenho.
E também por onda/onda
te tenho no fluir do ar,
regra, raiz e fim
desde mim ao imaginar.

Sou de ti o laser que te fere
- vieste na hora de escrever.

Sacrilégio Sobre Tema de Álvaro de Campos

(em *Dez Cantos*)

1

Vem o telex de Ancara
(finalmente) faço as malas e parto
para Castro Daire
por Ponte de Sor,
paro no Infantado
onde perpétuas me esperam
tuas coxas de rã
- estilo D. João V
o leito e a terrina

Lástima, a carestia da gasolina!
Não há melhor doping-massagem
à aspiração imaginável
do que acelerar a dúvida
em cada curva,
a consciência de transgredir,
Átila sobre o mapa
e o frenesim da paisagem
o sol no espelho do lago
- cada ramo cada filamento -
a morte ronda,
- é isto na verdade o psicadélico

2

Após Amesterdão
 (que sempre me
 brilha e nela me fio)
 penetro em Livaux
 (ai ai doce França),
 fui feliz em Livaux
 tantas e tantas
 horas (não tenho
 saudade)

3

Marcho pois sobre Londres
 entro pela esquerda, vou directo
 à Daisy, solerte margarida
 outonal a quem ingleses
 e bárbaros encomendam
 grande dor por morte inverificada
 (ou sem o mínimo respeitável,
 a certidão de óbito autenticada)

A Daisy é assim, deita mão
 de tudo o que aparece
 (é *já* mal vista pela
 classe) a psique lhe
 titubeia compensa-se na
 mentira: diz que nasceu
 em Iorque
 mas quem acredita no que diz?

4

Acelero para Iorque,
a polícia desconhece,
os fellows do alucinogénio
por igual, mas no gesto
comedido e suspicaz
de se passarem a dose,
para levantar-me do destroço
dão-me, cordiais, o telefone
do rapazito (que o não tinha
pois era pobre e telefones
em Iorque não se têm a penny)

5

Encontro-o todavia
na esquina onde ia:

"A Daisy? - perguntas. Não a vejo
desde o tempo do smog
e havia muito já não a via,
ia depressa e indefinida
não me deu o recado.
Ele morreu - dizes agora...
Ora que me importa?
- eu bem me importo
de mortes (é o que mais há
se me fosse a ralar jamais
acabava de me ralar)...
Que esse bem a merecia
aquilo não era vida nem nada,
um avião a sobrevoar a estrada
a estrada já lá não estava.

Foi feliz uns tantos instantes
mediu-os à sua bitola
cada instante cada hora"

6

"A Daisy?" - insisto.
"Suponhamos
que existe, é lá com ela.
Mas amigos? Nem os de Londres
- rapazio aliás nada chic,
nos copos até às natas
supurando fantasma
remediando a alma
a compressa e
cataplasma além dos
efeitos de corpo"

7

"Também a Cecily?" -
indago. "Ah, essa é
outra loiça!
Sempre firme ainda que lhe
pese a psicopata. Continua
atada à mesma mania
à mesma casa, à mesma rua".
À Cecily sem
demora pela british
landscape
diversa desta paisagem
portuguesa de verniz e
laca, cinzenta de Eliot

amarela fumaça -
até à casa de brick
alinhada e hostil.

"O Eliot" - diz a Cecily -
"acreditei que seria grande!"

Já mal se lhe vêem
os loiros cabelos (a madeixa
da Cecily!)
espirais sobre as
orelhas e o junco da
cintura
estranhamente a fazê-la duas
(a do eixo que descia ao
calcanhar e a do eixo saído da
ilharga
a perder-se na risca da marrafa).
"Cecily, eu falo, if you don't
mind,
do Álvaro de Campos"

8

"Ah, o engenheiro!...
Mais parecia capitão de
navios exausto de marés e
maresia nada lhe sabia
resmungava todo o dia
'raios partam a vida e quem lá
ande, raios partam a vida e quem lá
ande'...
E enrolava esta praga
nas bolotas de sonho que sempre
mascava e o amargo escorria dos cantos

da boca. Ah, eu acreditava que seria grande!"

9

"Também ele??!"

"Creio sempre que o sereis,
se não como viveria?
Inimigos mo consideram mania
mas a crença me sustenta
e a crença, ainda que vos doa,
é que sereis grandes, quando atinjo.
Tu próprio não escapas:
serás grande!"

10

Nisso me distingo
do Fernando Pessoa.

Colóquio de Letras n.º 81
Setembro de 1984

Hanamishi

Vim do princípio do tempo, vim
sobre hanamishi, de insondáveis míticos
tesouros que por ti revi. Havia
(ou há) um rei, índio, abexim,

do gesto seu me separei, mas há-de
em vida ou ida rechamar-me - enquanto
sejas não, mas depois, a dor e pranto
repele e grita só felicidade.

(hoje suspeito grito). Eu sou quem
por ti beija o barão em que se enforca,
acaricia o laço em que se alça.

Velejo no teu rio donde pendem
os dons do nosso colo como força.
Dei-tos. Rebebe-os da torrente baça.

* *Hanamishi* (japonês) - *passadeira cénica do Teatro Nô:
caminho deflores, caminho
da morte, caminho da vida.*

Homenagem ao Único/Último

Alegre, alegre, sim;
porém, morto

31.05.85

Inquérito

Qual foi o tempo meu de estar comigo?

Que interferências aceitei? E por que causa?

Com que auto-complacência me limitei? Que vôos

de pássaro e de imaginação frustrarei? Que rotas

procrastinei? Que acesso ao meu porto-aeroporto

permiti? Que escalas ponderei? Que território

em contrapartida me seria dado? Que esferas

penetrei? E que planícies? E que solidão diferi?

Que geografia actual me assiste?

Estarei pessoalmente na pista?

Ou serei, metodicamente, sintoma do despiste?

ÍNDICE

UMAS POUCAS PALAVRAS.....	<u>2</u>
TEORIA DA TRIBUTAÇÃO.....	<u>5</u>
PRÓLOGO	<u>6</u>
Nada precede ou segue	<u>7</u>
ARTE POÉTICA	<u>9</u>
Chamei cruzada à dor que nos desterra	<u>10</u>
RADIOLOGIA	<u>13</u>
Se me deste um trono de luz	<u>14</u>
Alheio à prática laboratorial	<u>16</u>
O sr. Major de Infantaria	<u>17</u>
Vivam as glórias presentes	<u>21</u>
Foi há séculos	<u>27</u>
Ai o apetite do romantismo	<u>30</u>
O antepassado do meu primo John	<u>34</u>
SEQUÊNCIA DO AMOR ADIADO	<u>38</u>
Pois que, segundo consta, de há uns séculos	<u>39</u>
Ontem fomos singelamente amar	<u>40</u>
Agora como Rei que sou.....	<u>41</u>
Um dedo meu erguido há-de riscar teu nome no céu azul da cidade	<u>42</u>
Sejamos pedras numa combinação quente	<u>44</u>
Assim encontrados na sombra os teus olhos rondam	<u>47</u>

Ideal de pássaros celestes.....	47
Para o próximo dia.....	48
Porque não vens?	49
As grandes angústias é sabido	51
Regressar à paisagem ao dia claro	53
TEORIA DA TRIBUTAÇÃO NO REINO DE NABUCODONOSOR ...	54
Será o tributo coisa sem contestação	55
Tributadores!.....	58
Mesmo a rosa recém-colhida	61
Na madrugada pardacenta.....	62
Nada é omissio	65
Por ti.....	69
Oh minha Babilónia.....	75
CORPO CONFLITO	77
CORPO DIPLOMÁTICO	78
Se nos pica falar de sacrifícios.....	79
FANTASMAS	82
Espinhos de roseira te apanharam.....	83
Cabra que pastas com asco	84
Falta lugar a cada sentimento	85
Por Inverness te vejo seminua	86
Agora te descobrimos o truque	88
Atravesso pelos ramos reflectindo.....	90
Dói a vida em veludos do altar	93
Recusavas a medicina	94
O REAL TRANSGRESSOR.....	100
Os perfis mudam de pêlo	101
Ainda que o partido obrigue	102

Oh mães desdentadas	<u>103</u>
Quando me separo da cabeça.....	<u>104</u>
Tem sido, promocional e snobeiro.....	<u>105</u>
Ronald Reagan foi varado	<u>106</u>
Esta que passa a passa.....	<u>107</u>
Eram 5 retornadas	<u>109</u>
A pequena das bermudas	<u>111</u>
Apraz-me dar esmola nas esplanadas	<u>114</u>
Quebram as férias de verão.....	<u>115</u>
Ao prof. Barnard.....	<u>117</u>
Engoliram tudo vivo	<u>118</u>
O céu apropria-se do Sol.....	<u>119</u>
Se houver de haver um Rei.....	<u>120</u>
INTIMAÇÃO	<u>135</u>
Zelo com mesquinho cuidado	<u>136</u>
Fui o gato entrado por desfastio.....	<u>138</u>
És Celine de teu nome completo	<u>139</u>
Nasci no limite das casas	<u>140</u>
Nada sou do que quis. Assim me quero.....	<u>142</u>
Em Mateus como garça despenteada.....	<u>143</u>
Primeiro foi o al.....	<u>145</u>
Corcel anafado	<u>147</u>
Se bem for a construção civil.....	<u>149</u>
Oferto amor em ti a madrugada	<u>152</u>
Ainda não havia taparoeres.....	<u>155</u>
Espreita o rato do rés	<u>158</u>
A ti que me és tanto	<u>160</u>
Porque és falível	<u>161</u>
Quando os gestos eram redes.....	<u>165</u>

Chamei-te louva-a-deus	166
Em 1948 num eléctrico de Coimbra	167
Se vens de coifa e timbre de sestro	170
Iniciava o grande poema	172

DIVERSOS.....[176](#)

A água do rio espelhou o teu rosto	177
Se a jornada entre cardos nos espera	178
Mítico oficial e verosímil.....	181
Escutou música nas latrinas	182
Transitário.....	183
Em que ninho da noite e do doer	184
Conheces a disciplina dos arcos	185
Nem todos os companheiros	186
Ver	188
Desdémona pifou, Otelo, rói.....	189
Desfloro-te em cada pétala	190
Tenho o rio aqui defronte	192
Quando te medito.....	193
Nos quatro cantos do mundo	196
Viro-me para dentro.....	197
Tópica	198
Poder é mais do que querer.....	199
Vivam os Reis.....	200
Talvez não sejas mais que falsidade	201
Monocolorido lenço.....	202
Tempo me fica	203
Se rezo no erro do peso.....	204
Não entre nós o acaso da vitória	205

Esta de não-sermos/ser já era conhecida	206
Caninamente imploro: sê vestígio	207
Exiges a inteligência?	208
Quando me obrigaram a jurar	209
Em ti tropeço. E peço. E por ti meço	210
Faço a boneca, lanço ao desbarato	211
Contra o nato americano	212
Não a trazia na agenda	214
Sobolos rios o vau	216
Tão gentil e tão honesta parece	224
Ao confim das américas do sul	225
Ó interland da má consciência	248
Frigorífico isso	249
Meu amor	250
Dos sociólogos Durkheim e Max Weber	251
Concedo às turbas o meu próprio desalinho	252
Palavra é container no cais	253
Estão muito chatos os trabalhadores	254
Vasculhas no supermercado	256
Que não me doam mais os doadores	257
Tens um bólido na anca	258
Oh poor Lech Walesa's	259
Cada momento	260
No trémulo vento	261
Talvez seja engano, mas	262
Enquanto te for possível verter nos meus os teus olhos, não os poupes ..	263
Viático na chama consumido	264
Falo de serpe	265
Aquele pato que conspurcámos	266

Esvoaça e sê, ó amor minha,.....	<u>267</u>
Quando me roubaram	<u>268</u>
Se mereci o vinho que me deste	<u>270</u>
Elevo o 350 TL à velocidade	<u>271</u>
Falo como bastasse	<u>272</u>
Na ora de escrever	<u>273</u>
Vem o telex de Ancara	<u>275</u>
Vim do princípio do tempo, vim	<u>282</u>
Alegre, alegre, sim.....	<u>283</u>
Qual foi o tempo meu de estar comigo?	<u>284</u>